ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

PONTES E LACERDA, JULHO DE 2000.

ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

Ex 1
C92 5728 56

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

CORDEL NORDESTINO E MATO-GROSSENSE: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS.

Eliana Maria Quintino

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº 6046
Data 25 / 09 / 00

82.09(817.2)
Q7c

PONTES E LACERDA, JULHO DE 2000.

ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

CORDEL NORDESTINO E MATO-GROSSENSE: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS.

Ensaio Monográfico desenvolvido no Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literaturas do VIII Semestre do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda.

PONTES E LACERDA, JULHO DE 2000.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre nos acompanha dando forças para superarmos os desafios.

À minha família, por ter-me compreendido e ensinado o valor real da vida.

As amizades que nasceram no percurso universitário.

Aos docentes que compreenderam meus anseios e souberam guiar-me neste caminho.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

À Carminha, que por vezes chamei de mãe

e sempre foi muito mais que irmã.

Leitor Amigo Leitor,

Que lêz talvez soletrando,

Aqui lerás façanhas

Que nem tu mesmo has sonhado...

Vida do façanhoso Roldão, Carlos Magno

SUMÁRIO

Identificação ____ 08

Introdução ____ 09

Resumo ____ 12

Quadro Teórico: *No princípio era verbo, e o verbo se fez signo, e o sigo estava com o verbo* ____ 13

Análise: *Cordel Nordestino e Mato-grossense: Diferenças e Semelhanças* ____ 36

Considerações Finais ____ 87

Referências Bibliográficas ____ 88

Anexos ____ 90

IDENTIFICAÇÃO

Discente:

Eliana Maria Quintino

Área:

Literatura Brasileira – Literatura Popular

Título:

CORDEL NORDESTINO E MATO-GROSSENSE: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS.

Orientadora:

Marinei Almeida Lima

Introdução

Delimitar um tema para eu pesquisar inicialmente trouxe-me bastante dúvida. Não sabia qual campo me traria maior segurança e menor dificuldade, pensei e li sobre alguns assuntos, entretanto mesmo assim não conseguia chegar a alguma conclusão, mas sabia que em algum momento teria que me decidir, pois o tempo proposto pela supervisora do estágio estava se esgotando, então resolvi fazer um enfoque literário.

O meu conhecimento e gosto pela literatura tiveram seu início muito cedo e ao mesmo tempo muito tarde. Minha história de leitura não é muito diferente das da maioria da população de minha faixa etária.

Meus primeiros contatos com a leitura deram-se com histórias em quadrinhos, popularmente conhecidas como gibi. Era um gibi do Frajola e Piu-Piu, eu ainda não era alfabetizada, mas fazia minha irmã ler as histórias para mim por diversas vezes e jamais enjoava, a história e seus personagens já estavam internalizados em minha mente, no entanto continuava a querer ouvir a história. Esse foi um dos principais motivos que fizeram com que eu tivesse mais pressa em adquirir os conhecimentos de ler e escrever, só assim eu poderia ler o gibi do Frajola e Piu-Piu. Assim, comecei a passear pelo caminho das letras.

O advento do livro infantil no Brasil se deu por volta dos anos 80[1], quando eu era criança, mas devido a problemas econômicos não tive o privilégio de ter contato com livros, mas isso não me privou de conhecer as histórias infantis. Histórias como *Alice no país das Maravilhas*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Os três Porquinhos*, etc.,

[1] CADEMARTORI, Ligia. *O que é Literatura Infantil*. 6ª ed. Editora Brasiliense. SP. 1994

tornaram-se por mim conhecidas através da oralidade, e foi-me contada de forma tão fantástica que ainda lembro-me de como imaginava as situações em que as personagens se deparavam.

Já na escola primária tive contato com algumas fábulas nos livros didáticos, mas isso já traz uma experiência muito diferenciada. Esses textos trazem um fundo moral e uma finalidade pedagógica. Esse tipo de leitura possui um conceito, de certa forma, não muito agradável, considerando os métodos utilizados naquela época para o ensino da leitura, pois na maioria das vezes não se faz leituras, mas sim instaura ou direcionam-se leituras. Provavelmente por ter trabalhado a leitura de uma forma tão severa é que eu valorize tanto as histórias que me foram passadas oralmente.

Um pouco mais adiante, na pré-adolescência tive a oportunidade de ler *O meu pé de laranja-lima* de José Mauro de Vasconcelos. Foi uma ótima escolha, uma leitura tão emocionante que ainda guardo dela doces lembranças.

No segundo grau assisti aulas de literatura, o que com certeza fez ampliar meu gosto pela leitura de obras literárias, mas foi no Curso de Letras que pude satisfazer o meu ego, lendo não só as obras, mas também conhecendo suas especificidades e teorias.

Escolhi, então, a área de Literatura para o trabalho de final de curso, mas especificamente Literatura Popular devido ao meu interesse pela cultura popular: histórias e costumes do povo. Esse interesse, existente há muito tempo, foi evidenciado com minha participação como monitora no projeto *Literatura Popular e seus entremeios em Pontes e Lacerda*, coordenado pelas professoras Maria Inês Parolin Almeida e Marinei Almeida Lima. Diante da definição, decidi então que meu recorte seria sobre Folheto de Cordel, aqueles livros pequeninos que são, na sua grande maioria, comercializados com muito sucesso na região nordeste do país, cujo nome é de origem

portuguesa e foi atribuído pelo fato de que em Portugal os vendedores de cordéis os expunham ao público pendurados, presos por pregadores de roupas, em cordão, geralmente amarrados em varas nas feiras livres. Já no Brasil, especialmente no nordeste, segundo a pesquisadora Márcia Abreu, os vendedores colocavam seus cordéis numa mala e saiam de trem, chegando nos locais públicos falavam ou cantavam a história do cordel fazendo um suspense em alguma passagem da narrativa para despertar curiosidade no público fazendo com que este adquirisse o folheto.

Outro fator que me influenciou a recortar este assunto é o fato de não existir no Campus Universitário de Pontes e Lacerda nenhuma pesquisa nessa área, a qual eu acho importante para melhor compreensão, visto se tratar de uma área tão controversa.

O recorte por mim feito ainda é um tanto amplo, assim para delimitar um pouco mais o assunto farei uma comparação entre um cordel nordestino (*A força do Amor* de Leandro Gomes de Barros) e um mato-grossense (*O poeta acidentado conta como aconteceu* de Carolino Leóbas).

O trabalho visa a análise desses folhetos, fazendo um estudo comparativo de suas estruturas, bem como os temas, e o que mais se fizer interessante no desenvolvimento da pesquisa.

Resumo

O cordel nordestino possui uma maneira única de ser, é estruturado de forma que exista uma cumplicidade sonora entre os versos criando assim, facilidade em memorização das histórias. A estrutura versada e rimada faz com que o leitor tome tanto gosto pelos cordéis que ele passa, por mais inadmissível que isso possa parecer, a simpatizar somente com os textos escritos desta forma.

As diferenças e semelhanças entre os folhetos de Carolino Leóbas, *O Poeta acidentado conta como aconteceu* e o de Leandro Gomes de Barros, *A Força do Amor*, podem ser notadas nas abordagens referentes a personagens, em especial as femininas; ao narrador; aos temas amor, dinheiro, religião; capas; elementos estruturais como rimas, estrofes, versos, acentuação silábica entre outras.

O mais evidente são as diferenças, porém as semelhanças não devem ser esquecidas, pois através delas percebemos que, apesar de Carolino estar muitas décadas a frente de Leandro Gomes de Barros – autor do final do século XIX e início do século XX - , ele ainda segue, com algumas inovações, as normas instituídas naquela época, o que nos leva a concluir que, para escrever um folheto ter-se-á que seguir alguma norma para ter um efeito sonoro melhor e causando com isso a musicalidade que tanto impressiona os leitores.

Assim, podemos dizer que as raízes da Literatura dos folhetos estão plantadas de forma bem mais profunda do que imaginávamos, considerando as tantas ligações que Carolino Leóbas possui com Leandro Gomes de Barros, apesar de estar num período em que o narrador é considerado um ser quase extinto, e o homem/leitor encontrar-se num mundo de tecnologia avançada e cheio atribulações diárias.

No princípio era verbo, e o verbo se fez signo,

e o signo estava com o verbo.

Para tratar do tema escolhido para a pesquisa faz-se necessário a abordagem de alguns assuntos e obras, os quais estarão dando sustentação teórica para chegarmos as comparações e análise propostas.

Primeiramente cabe ressaltar a importância da língua em nossas vidas, pois mesmo sem perceber, estamos utilizando-a para atuar no meio em que vivemos, tornando-nos uma raça diferente, pois desde a origem ela vem interagindo através da oralidade, mas somente há alguns séculos criou-se uma nova forma de trabalhar a língua que é a escrita.

Com a escrita os seres humanos puderam registrar seus conhecimentos e transmití-los às outras épocas vindouras. Mas a escrita ficou, por muito tempo, restrita à apenas algumas pessoas; membros da elite ou da igreja que registravam apenas o que lhes convinha e fosse de seus interesses. Entretanto é fundamental observarmos que nem sempre o que convém a um, convém a todos, assim sendo, surgem novos interesses e com uma certa expansão da cultura escrita, intelectuais de diversos países dão início a uma incansável busca com o intuito de esclarecer suas dúvidas e chegar a novos conhecimentos não mais calcados nos princípios da elite ou da igreja.

Gnerre cita em sua obra que houve um grande interesse quanto ao valor do instrumento da linguagem que era muito *apreciado no século XVI e a construção do aparato mítico-ideológico em torno das línguas de 'cultura' foi empenho sério dos letrados e humanistas.*[2]

---

[2] GNERRE, Maurizio. *Linguagem, Escrita e Poder*. 3º ed. Martins Fontes. SP. 1994.

Entre o final do século XVIII e início do século XIX o povo tornou-se um tema de interesse para os intelectuais europeus, que insistiam para que artesões e camponeses cantassem canções tradicionais ou contassem velhas histórias; o que vem a enfatizar essas atitudes como indício do surgimento de novas idéias os termos: canção, conto popular e folclore, ou seja, buscando o homem em seu estado natural.[3]

Herder em um ensaio sobre o assunto[4], considera que a poesia influencia os costumes dos povos tanto nos tempos antigos quanto na modernidade. Ele sugere que a poesia verdadeira faz parte de um modo de vida particular e a canção popular conserva a eficácia moral da antiga poesia, circulando oralmente acompanhada de música e desempenhando funções práticas da constituição do sujeito no meio. Para Herder, portanto, os poemas dos camponeses, artesões, etc., eram como árvores, eles cresciam naturalmente.

Foi a partir de Herder e os irmãos Grimm que canções, contos e folclore populares ganharam importância e interesse dos intelectuais e da sociedade tornando o povo e sua crença parte de um todo que expressa o espírito de uma nação.

A valorização que se instaurou na cultura popular estava intimamente relacionada a ascensão do nacionalismo, o que levou a "descoberta" desta a tornar-se uma série de movimentos nativistas na tentativa de libertação do domínio estrangeiro para viver a cultura tradicional.

Redfield[5] considera a existência de duas tradições, a grande, cultivada em escolas ou templos, e a pequena, que opera sozinha e se mantêm nas vidas dos iletrados, em suas comunidades, entretanto ambas têm se afastado e continuam a fazê-lo.

---

[3] BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna.* 2° ed. Companhia da Letras. SP. 1989.
[4] Op. Cit. 2
[5] Op. Cit. 4

Um fato interessante é o de que, as elites que gozavam da grande tradição, uniam-se aos populares durante as festividades e todos assistiam aos mesmos sermões, ricos, pobres, nobres e plebeus sem preocupar-se com questões sociais.

O interesse da nobreza pela cultura popular plebéia era tão forte que na Dinamarca e na Suécia versões de baladas dos séculos XVI e XVII ainda sobrevivem, porque nobres anotaram-nas em seus livros manuscritos de canções. Mas vale observar que para a elite a grande tradição era séria, enquanto a pequena era apenas diversão.

O que os intelectuais faziam nessa época nada mais era que recolher a tradição oral do povo e transformá-la em cultura escrita preservando a oralidade e sua importância para as gerações vindouras.

As expressões *forma oral* e *composição oral*[6] que caracterizaram sociedades inteiras por muito tempo e mesmo que de forma pouco considerável ainda caracterizam muitas, ganharam ênfase a pouco tempo, por volta de 1962 – 1963, quando três publicações anunciaram que a oralidade deveria ser evidenciada, essas obras foram: The Gutenberg Galaxy, de McLuhan (1962), La pensée sauvage, de Lévi-Strauss (1962) um artigo de Jack Goody e Ian Watt intitulado "The Consequences of Literary" e por fim, "Preface to Plauto" de Havellock .

De acordo com Havelock [7] os antigos registros, como os Evangelhos Sinópticos foram recolhidos segundo regras de memorização, ou seja, foram transcritos a partir de regras da oralidade e também destinado a leitores que os ouviam lidos em voz alta, para assim influenciar a utilização da cultura escrita.

Um ponto interessante a ser observado é que modernos filósofos voltam-se contra a questão dos oralistas ao perceberem a presença do oralismo na mentalidade moderna. No entanto os filósofos da hermenêutica perceberam ainda, que por trás de

[6] OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy. *Cultura Escrita e Oralidade.* Ática 2ª ed. SP.: 1997
[7] Op. Cit. 6

um texto escrito podem estar realidades expressas somente oralmente, pois na escrita não há entonação de voz, ou mesmo gestos, o que oralmente pode nos dizer muito.

Com a criação da escrita deu-se início à disputa entre as culturas oral e escrita, mas como cita Havelock: *O produto desse milhão de anos de especialização que identifica nossa espécie como humana é a língua (p.27)*[8] e não a escrita, portanto, *o ser humano natural não é escritor, ou leitor, mas falante e ouvinte.(p.27)*[9]

Havelock ainda coloca que as sociedades humanas se formaram com base na intercomunicação por meio da língua; a herança oral faz parte de nós, assim como andar ereto.

E como diria Gnerre: *Escrever nunca foi e nunca vai ser a mesma coisa que falar...*[10]

Como mencionamos anteriormente, a escrita, séculos atrás, era restrita a elites clericais ou comerciais; hoje a educação moderna prioriza o rápido domínio da leitura e da escrita como preparação para a escola secundária e para a vida adulta sem restrições religiosas ou sociais.

Atualmente a cultura escrita é conhecida por "quase" toda a população mundial. Pessoas comuns, desconsiderando diferenças sociais, têm a escrita e a leitura como fatos comuns, constantemente presente em suas vidas. Mas também deve se ressaltar que, há no mundo e no Brasil um número considerável de pessoas iletradas.

Dentro da pesquisa que estamos fazendo foi de suma importância o conhecimento dos estudos realizados pela professora pela Drª. Márcia Abreu[11] sobre folhetos de cordel. Em sua obra[12] encontramos a origem do cordel brasileiro

---

[8] Op. Cit. 07
[9] Op.Cit. 08
[10] Op. Cit. 04
[11] ABREU, Márcia. *Pobres Leitores*. Artigo retirado da Página da Web, URL: http://www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios/marcia.htim
[12] ABREU, Márcia. *Histórias de Cordéis e Folhetos*.Mercado de Letras. 1999 SP.

desmistificada através de pesquisas realizadas em bibliotecas portuguesas, estudos comparativos de folhetos brasileiros e portugueses, confrontando inclusive com a estrutura formal do cordel nordestino, a qual estaremos discorrendo ao longo destas páginas.

A professora revela-nos no artigo Pobres Leitores[13], a existência de um grande número de iletrados produzindo e consumindo literatura como mostra a seguinte fala de Manoel Camilo:

Se tem alguém que sabe ler na família, tudo bem.[14]

e ela ainda diz-nos que isso é bastante compreensível dentro da literatura de cordel, que originou-se a partir de apresentações orais acompanhadas ao som de violas ou rabecas. Ela ainda diz que, isso é bastante comum se examinarmos as peculiaridades da literatura de folhetos.

A literatura de cordel típica da região nordestina se constitui e representa a comunicação de grande parte daquela população. Geralmente os folhetos são encontrados nas feiras, praças e mercados de grandes capitais (Salvador, João Pessoa, Recife, Natal, Fortaleza, Teresina, Caruaru, Ilhéus, Juazeiro, Canindé), onde também pode ser visto pelejas dos cantadores e improvisadores, capazes de reunir (e encantar) o povo com os mais diversos estilos.[15]

Antigamente os folhetos nordestinos, geralmente eram feitos de papel de jornal e impressos em gráficas antigas, utilizando capas com desenhos rudes e espontâneos, clichês de filmes e/ou xilogravuras feitas a buril, estilete ou canivete,

[13] Op. Cit. 11
[14] Op. Cit. 13
[15] CORDEL. Artigo retirado da página da Web, URL: http: //www.bibvirt.Futuro.usp.br/acervo/paradidat/cordel/cordel.html

algumas delas verdadeiras obras primas da gravura brasileira. Também era comum naquela época o próprio poeta popular editar e vender seus folhetos.

Vejamos um exemplo dos folhetos nordestinos em capa e páginas:



A capa do cordel era de grande importância, pois através dela é que o leitor determinaria sua aquisição ou não, ela tinha portanto, que chamar muita atenção do público leitor.

A publicação dos folhetos surgiu posteriormente as apresentações orais, popularmente conhecidas como cantorias, *as quais eram recitativas acompanhadas ao som de violas ou rabecas em que cantadores batiam-se em desafios e/ou apresentavam composições poéticas... (p. 01)*[16]

O estilo característico dos folhetos parece ter iniciado seu processo de definição neste espaço de oralidade, muito antes que a impressão fosse possível.

O folheto mais antigo, datado de 1893, ou seja, o primeiro ou um dos, é de autoria de Leandro Gomes de Barros - autor de um dos folhetos analisado nesta pesquisa – em seguida temos as publicações de Francisco das Chagas Batista em 1902 e João Martins de Athayde em 1908.

[16] Op. Cit. 14

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Barros sendo os "precursores" dos folhetos nordestinos foram os fixadores das normas de composição dos folhetos ainda adotadas e também abriram todas as vias que a literatura dos folhetos iriam seguir na posteridade[17].

Segundo a Prof. Dra. Márcia Abreu, encontramos nos folhetos, estrofes com números variáveis de versos e sílabas poéticas e em rica diversificação de ritmo, suas histórias trazem fatos do cotidiano desde o princípio das publicações, enfatizando o mundo do trabalho, das festas, o cangaceirismo, os impostos os fiscais, o custo de vida, os baixos salários, as secas, a exploração dos trabalhadores. As relações sociais constituem matéria poética privilegiada, portanto a crítica social é uma constante[18], há também histórias de bichos, casos pitorescos, temas de amor, histórias típicas da região como, do Padre Cícero, do Conselheiro, de figuras públicas, acontecimentos retirados de jornais, rádio ou revistas, enfim, uma rica variedade de temas do universo nordestino.

Os próprios poetas populares classificam a literatura de cordel em cinco temas mais freqüentes: romance, gracejo, valentia, desafio e encantamento.

Segundo alguns teóricos, os autores em sua espontaneidade (cordelistas e repentistas) representam a alma do povo e aquilo que envolve sua terra.

Em 1952, foi fundada a Editora Prelúdio e começou a industrialização da literatura de cordel. José Pinto de Souza, um dos proprietários da Prelúdio, diz que desde 1910 já editava, em São Paulo, folhetos de historinhas de autores portugueses. A história de *Zézinho e Mariquinha* (original português) foi uma das primeiras que José

[17] Op. Cit. 12
[18] Op. Cit. 17

publicou, com muito sucesso. A partir de 1930, ele passou a publicar poemas nordestinos. [19]

As tiragens dos folhetos variam. Afirma-se que *Peleja entre Cego Aderaldo e Zé Pretinho do Tucum,* somando suas várias edições, alcançou 500 mil exemplares.

Um outro ponto de suma importância verificado pela Professora Dra. Márcia Abreu em seus estudos foi o que diz respeito a alfabetização. Ela constatou que freqüentar escolas não é um requisito fundamental para uma pessoa tornar-se um poeta cordelista ou cantador, pois muitos deles são ainda analfabetos, e cantam e compõem valendo-se somente da memória, alguns são considerados autodidatas, outros aprenderam a ler e escrever através do auxílio de amigos ou parentes, ou ainda, apenas ouvindo e acompanhando as leituras dos "livrinhos"., como podemos perceber no fala de João Martins de Athayde:

Sou um analfabeto que sempre viveu da letras.[20]

Geralmente essas pessoas são filhos de pequenos proprietários ou assalariados, sendo a grande maioria nascidos na zona rural. Orígenes Lessa diz que até analfabeto lê folhetos, porque aprendem *de cor* as estórias nos forrós e cantorias.[21]

Alguns autores de cordel chegaram a escrever seus textos em ABC, ou seja, cada verso iniciava com uma letra colocando-os em ordem alfabética para assim facilitar o aprendizado através da leitura de seus folhetos, já que seu público geralmente não possuía condições para freqüentar escolas, vejamos um trecho do cordel *A verdadeira delícia dos amores*, de José d'Almeida Cardoso Jorge:

---

[19] Op. Cit. 15
[20] Op. Cit. 16

A

É a primeira letra

Que no a b c achei...

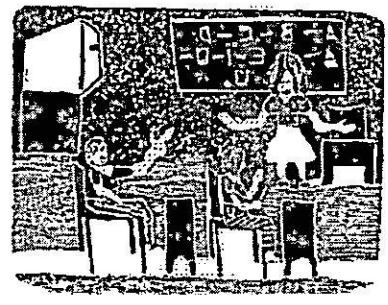
B

Esta significa a bondade...

C

Esta letra diz constância...

e para que os leitores soubessem como é, ou como funcionam, os autores também incluíam gravuras do quotidiano escolar em suas obras.



[22]

Entretanto, segundo a Professora Dra. Márcia Abreu, essa aprendizagem não se faz suficiente para um bom desempenho do cantador, para melhorar suas poesias geralmente é necessário um certo contato com alguns conteúdos da cultura escrita, livros do tipo romance, jornais, revistas e principalmente a Bíblia que, como disse Manoel Camilo no artigo *Pobres Leitores,* "devia ser conhecida de cor".

---

[21] Op. Cit. 20
[22] Op. Cit. 21

Nos versos abaixo do autor Manoel Almeida Filho, podemos observar o valor que os autores atribuem a leitura para seu desempenho no enredo.

Já tomei por distração
Ler romances de amor
Onde bebo a poesia
Da pena dum escritor
Que sabe satisfazer
A alma do trovador.

Há poucos dias atrás
Li um famoso romance
Chamado "A noiva do Diabo"
Decorei lance por lance
Para transformá-lo em versos
Como está no meu alcance.[23]

Mas cabe observar que não se trata de decorar *palavra por palavra*, e sim reter apenas estrutura das narrativas para assim reproduzir as histórias, seguindo os passos fundamentais do enredo utilizando suas palavras, ampliando ou reduzindo o que melhor convir, como por exemplo as personagens, cujo excesso pode confundir e complicar a narrativa.

Assim:

[23] Op. Cit. 20

> (...) *os poetas excursionam pelo mundo da escrita com pressupostos do mundo da oralidade: dos livros, extraem conteúdos que devem ser memorizados; registram de forma gráfica, composições elaboradas mentalmente.*[24]

Ainda podemos verificar no estudo realizado por Abreu que, tanto consumidores quanto produtores dessa literatura estão fortemente enraizados, por assim dizer, a uma cultura de tradição oral, compartilhando valores, desejos e padrões de apreciação estética de obras literárias. Tudo isso faz com que a literatura de cordel seja entendida como uma manifestação da cultura popular.

Os poetas de cordel deixam, portanto, seus textos marcados pela oralidade porque utilizam em suas composições normas diferentes das regras gramaticais, ou seja, escrevem como se estivessem narrando ou cantando um texto em voz alta. Tudo isso vem a atestar a convivência entre princípios de oralidade e escrita, portanto o folheto de cordel nada mais é *que uma forma de fixação de narrativas veiculadas oralmente, aludindo, de toda forma, à modalidade vocal-auditiva de sua comunicação. Em um primeiro nível, uma situação de oralidade pode ser apresentada como moldura narrativa.*[25]

Como supracitado, os autores comportam-se como se estivessem em uma narrativa oral e quando cantando seus poemas geralmente não seguem uma seqüência extremamente correta dos acontecimentos, pois eles valem-se apenas da memória para narrar longas histórias e quando esquecem algo importante interrompem a narração para corrigir o lapso e depois continuam. Aqui encontramos uma das diferenças entre a escrita e a oralidade, pois na primeira, quando esquecemos de mencionar um

[24] Op. Cit. 9
[25] Op. Cit. 10

determinado fato apenas voltamos o papel e o escrevemos, o que se torna um pouco complicado na segunda.

O autor Leandro Gomes de Barros cometendo um lapso, interrompe a narrativa para falar de alguns detalhes de uma luta em seu cordel:

...Eu agora me lembrei
Da falta que commeti,
Mas foi porque me esqueci,
Por isso não relatei.
Porém sempre fallarei
Para o leitor se agradar,
Quem sabe há de se lembrar
Na lucta dos cavalleiros,
Quando quis desembestar...[26]

Para os cordelistas, portanto, acaba sendo natural esse tipo de falta e também para o público que acostuma-se a essas idas e voltas na narrativa.

Segundo Abreu, os folhetos de cordel não podem ser inseridos completamente na tradição oral ou escrita, eles acabam ficando numa convivência, por vezes conflituosas, dentro desses dois princípios. Isso nos explica o fato de o público, leitor, prefigurar um narrador cuja voz se pode ouvir. Desta forma as exigências pertinentes às composições orais permanecem mesmo quando se trata de um texto escrito.

[26] BARROS, Lendro Gomes de. *Batalha de Ferrabraz com Oliveiros. Recife,1909*

Para Rodolfo Coelho Cavalcante[27], o cordel é a poesia pura dos poetas do sertão, e para que o autor escreva um folheto de sucesso ele tem que seguir algumas regras; como: ser todo rimado; ter estrutura própria; possuir métrica pura. Essas são as características fundamentais dos folhetos nordestinos, existem neles uma quantidade de textos e/ou trechos-metapoéticos, onde pode-se perceber essas teorias de forma bem explícitas.

No entanto, segundo Abreu, na estrutura oficial dos folhetos encontramos versificações diferentes de acordo com o que encontramos na obra. Para fazer narrativas os versos são em sextilhas, para contar fatos jornalísticos usa-se as septilhas e para as cantorias ou motes os versos são em décimas. Já as rimas são distribuídas da seguinte forma: sextilhas: abcbdb; septilhas: abcbddb e décimas: abbaaccddc.

É também de grande importância a seleção vocabular utilizada nas obras, deve-se estar atento ao sentido, a compreensão e a sonoridade do texto. O léxico é a parte fundamental na constituição das rimas, o vocabulário utilizado pelo autor se constitui de palavras simples e conhecidas pelo leitor. Verificando a categoria gramatical dessas palavras encontramos um predomínio de substantivos, situações gramaticais se repetem, assim como as palavras se combinam sintaticamente, já que todos os versos apresentam a mesma construção sintática. Elas devem referir-se a um mesmo assunto, devem ater-se a um mesmo tema, não se pode, portanto, falar de um carneirinho perdido e depois citar as aves do Japão somente para criar rimas, esse conceito é chamado pelos cordelistas de oração do folheto.

Segundo Expedito Sebastião da Silva[28], deve haver uma relação de necessidade entre as palavras empregadas na elaboração do texto do folheto, principalmente no que se refere às rimas. Elas ocasionam facilidade para a

[27] Op. Cit. 18
[28] Op. Cit. 27

memorização e o povo acaba tendo maior inclinação a esses folhetos que possuem grande auxiliar mnemônico, ocasionando uma certa exigência aos autores em relação as normas de escrita do cordel.

Assim, torna-se difícil que um assíduo leitor de cordéis leia prazerosamente outros textos que não sejam versados ou rimados, vejamos o que diz Manoel de Almeida Filho:

> *... a grande maioria dos nossos fregueses lêem o livro cantando. Como a gente lê, eles aprendem as músicas dos violeiros, e eles cantam aquilo (...) E,em casa reúnem uma família, três, quatro, e cantam aquilo, como violeiro mesmo (...) O folheto tem esta doçura do verso. Então o livro em prosa mesmo, ele não gosta nem gosta do jornal, a notícia do jornal (...) Ele não entende (...) Porque está acostumado a ler rimado, a ler versado (...) Aquela notícia não é boa para ele, o folheto sim, porque o folheto ele lê cantando.*[29]

O leitor fica, portanto, tão acostumado a esse tipo de leitura que acaba encontrando dificuldades em compreender textos em prosa.

A rima, segundo Abreu, causa uma pausa longa no final do verso, marcando o fim do período. Os versos onde ocorrem rimas constituem uma unidade sintagmática única que funciona como complemento do sintagma anterior, tornando-se uma decorrência semântica necessária do verso precedente.[30] A pausa no verso impar é

[29] Op. Cit. 23
[30] Op. Cit. 28

curta, intra-oracional, o que ocorrerá nos mesmos lugares em que há pausa na fala, basicamente entre o sujeito e o verbo; verbo e complemento; objeto e advérbio.

As pontuações encontradas entre os versos geralmente são pontos, vírgulas ou ponto e vírgulas. Este último geralmente é utilizado para causar uma pausa maior no final do quarto verso, controlando o movimento e a estaticidade do texto.[31]

Ao lermos um folheto, além do sentido das palavras, ouvimos também, mesmo sem intenção, uma espécie de música, o que pode ser classificado como efeito decorrente da forma como é composto ou por termos internalizado a associação do folheto com as cantorias acompanhadas de rabecas ou violas. É justamente por isso que o poeta dá tanta importância à sonoridade quando compõe.

Visual ou gramatical os versos não costumam ter o mesmo tamanho, mas sonoramente sim, dividindo-os em sílabas poéticas, metrificando-os, podemos verificar suas reais medidas. Mas para fazer a divisão das sílabas poéticas precisamos nos ater para as seguintes regras: ocorrem encontros vocálicos, as sílabas vizinhas podem ser lidas juntas ou separadas, dependendo da sonoridade do texto, pode-se ler vogais juntas ou também sapará-las. A contagem das sílabas termina na última sílaba tônica (forte), não sendo consideradas as que vêm depois dela. São acentuadas as sílabas tônicas do verso; quando em sextilha são, geralmente, acentuadas a terceira e a sexta sílaba; em septilhas, a terceira, quinta e sétima, podendo variar, pois desde que a última sílaba seja acentuada os demais acentos são livres, em especial aos versos com número maior de sílabas poéticas.

Esse sistema utilizado para metrificar poemas é chamado silábico acentual, vale observar que a primeira coisa a fazermos é contar as sílabas poéticas presente no verso, depois verificamos quais são as fortes ou tônicas. Essas sílabas fortes ocasionam

[31] GOLDSTEIN, Norma. *Análise do Poema.* Ática.SP. 1988

uma pausa que geralmente torna o verso dividido em partes ou segmentos rítmicos. O número de sílabas pode variar, podendo ser encontrado versos de apenas uma sílaba poética e outros com doze ou mais, onde as sílabas tônicas são posicionadas de várias formas.

Os versos mais utilizados pelos autores cordelistas são os de sete sílabas, talvez por suas regras serem mais fáceis de seguir, inclusive, estudos lingüísticos demonstram que no português brasileiro faz-se uma pausa a cada sete sílabas aproximadamente, entretanto, temos também folhetos em sextilhas/setilhas, oitavas e décimas.

Como mencionamos anteriormente, os folhetos geralmente são impressos com um número de páginas entre oito e sessenta e quatro. Aqueles que contêm até oito páginas são considerados folhetos e os que contém páginas superiores a doze são considerados romances. Isso faz com que os autores adequem seus textos ao espaço disponível.

Em relação a temas, considera-se que qualquer tema é válido desde que, sejam seguidas as normas de métrica, rima e oração. Geralmente as histórias centram-se na luta entre o bem e o mal.

Quanto aos personagens, a Prof. Dra. Márcia Abreu coloca que, o padrão de composição enfatiza caracterizações sucintas, com poucos atributos físicos para apenas identificar a trajetória destes na trama.

Os atributos físicos e morais formam um todo que será recuperado através da menção a uma de suas características.[32]

As femininas, muitas vezes também heroínas, são caracterizadas quase sempre da mesma forma: belas, honestas, leais, corretas, generosas e caridosas, ou seja,

[32] Op. Cit. 29

bonita e virtuosa. Cabe observar que não encontraremos nos folhetos uma personagem que seja bonita e má, ou feia e caridosa. Como exemplo citamos alguns versos de Leandro Gomes de Barros do folheto *Os sofrimentos de Alzira:*

Alzira era uma condessa
Filha do conde Aragão
Desde muito pequenina
Que tinha um bom coração...

...Alzira desde criança
Que era compadecida
Dava pequeno valor
Aos objetos da vida
Visitava hospitais
Inda que fosse escondida.

...Das damas daquele tempo
Alzira era a mais bela...

Os protagonistas masculinos são descritos de forma ainda mais sucinta e também uniforme, eles são: valentes, corajosos, honestos, inteligentes, justos e fiéis às suas amadas, sendo raro referências a beleza e ênfase ao caráter, aspecto fundamental em sua caracterização, como podemos observar na personagem Ferrabraz em *Batalha de Ferrabraz com Oliveiros,* também de Leandro Gomes de Barros;

O almirante Barão

Tinha um filho – o Ferrabraz

Que entre os turcos era o mais

Que tinha disposição

Mesmo em nobreza de acção

Era o maior que havia

Então em toda Turquia

Onde se ouvia fallar,

Tudo havia respeitar

Ferrabraz de Alexandria.

As características supracitadas direcionam a conduta da personagem dentro do enredo. A mulher apresentada como bela e fiel, resistirá as contrariedades e dificuldades que a opuserem, jamais será infiel e realizará seus desejos ao final do folheto. O homem valente e honesto, lutará até obter o que deseja sem deixar a conduta de lado.

Considerando-se que o enredo sempre traz tramas que envolvem o bem e mal é imprescindível a existência de vilões. Estes são caracterizados segundo atribuições morais, eles são perversos, parasitas, bandidos, entre outros. *Em muitos casos, a característica distintiva dos malvados é de mau comportamento. Os vilões podem ser chamados de "potentado", "capitalista", "rico proprietário", deixando claro a relação estabelecida entre ser "rico" e ser "malvado de profissão".*[33] No entanto, este na maioria das vezes, mais cedo ou mais tarde pagará pelos seus atos e jamais será bem sucedido.

[33] Op. Cit. 32

É interessante ressaltarmos também que os personagens sempre serão inteiramente maus ou inteiramente bons. Discrepâncias como o vilão ser premiado ou o herói se acovardar jamais acontecerão. E ainda observarmos que os traços fundamentais do herói são a honra e a valentia, sendo a vingança por ofensa familiar considerada sagrada, melhor dizendo, os autores de cordéis têm a honra e a vingança como valores supremos.

Ao final do cordel os jovens casais apaixonados vencem as dificuldades e vivem *felizes para sempre.*

Os primeiros versos de um cordel (nordestino) geralmente fornecem uma sinopse do enredo, descrevendo de forma sucinta os personagens, destacando os principais episódios e, em determinados casos, um pouco do que acontecerá ao final do enredo. É no início, portanto, que se tem delimitado tudo aquilo que o poeta vai escrever, ou melhor, o que vamos encontrar no decorrer da leitura.

Novas lutas de Antonio Silvino

Meu leitor, a oito mezes
Que vives a esperar
Que eu te dê minhas notícias,
E eu para não te massar,
As minhas últimas lutas
Vou agora te contar.

Fui em setembro de mil
E noviventos e déz
A' Barra de S. Miguel

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

E lá espalhei os pés:

Matei, prendi e tomei

Quazi trêz contos de réis.[34]

É ainda de grande relevância a composição gráfica, o formato do texto na página. O folheto nordestino deve, segundo as regras de composição, trazer na primeira página o tema em destaque e três estrofes apenas, para que o título fique em maior ênfase.

Bem como os demais aspectos que constituem o conceito de cordel, o narrador possui grande importância no enredo. Cabe a ele transmitir/relatar as informações necessárias à completude da história enfatizando pensamentos, sonhos, desejos, planos e ações já que os diálogos são pouco freqüentes e fluxo de consciência dos personagens é inexistente. Não é comum nos folhetos haver narradores-personagens, tendo vantagem os narradores oniscientes, que no decorrer da narrativa apaga-se e chama atenção para si basicamente no início, ao apresentar no que consiste sua narrativa e no encerramento do enredo, geralmente despedindo-se ou comentando algo sobre a narrativa.

Já descrevi para o povo

Como a história passou-se

O conde de Monte Cristo

Sofreu, mas depois vingou-se

Tendo Suzete nos braços

Amou, lutou e casou-se.[35]

[34] BAPTISTA, Francisco das Chagas. *Novas lutas de Antonio Silvino.* 1º Vol. Paraíba 1911.
[35] Op. Cit. 33

É bastante comum encontrarmos, no final dos cordéis nordestinos, acrósticos, ou seja, versos compostos de forma que as iniciais de cada um deles formem um nome, que no caso é o do autor, portanto, sua marca pessoal, como podemos observar nestes versos de Leandro Gomes de Barros:

L*evemos isso a uma analyse,*

E*ntão verse-á onde vae,*

A *soberba é abatida,*

N*o abysmo tudo cae,*

D*eus é grande e tem poder,*

R*eduz ao pó qualquer ser,*

O *poder delle é de pae...*

Sucintamente podemos dizer que para os poetas nordestinos a construção de um folheto depende de um roteiro articulado capaz de ordenar a matéria, que estabelecerá os personagens, as ações, os fatos e o papel do narrador, tudo isso dentro das normas de estruturação do cordel.

Em relação à comparação proposta na pesquisa, inicialmente nos cabe levantar hipóteses e questionamentos para assim chegarmos as reais diferenças entre os folhetos analisados.

Primeiramente ressaltamos uma grande diferença de época entre os folhetos de Carolino Leóbas, publicado nos anos 80 do século XX, enquanto o de Leandro Gomes de Barros foi publicado no início do mesmo século, o que nos leva a

indagar: O que há de moderno no folheto de Leóbas? ou; O que foi implementado/atualizado e o que foi excluído? A linguagem continua a mesma ou seguiu os parâmetros da modernidade? Por se tratar de obras de diferentes regiões, um mato-grossense, outro nordestino há diferenças relacionadas ao âmbito regional?

Observamos por exemplo, que não há semelhanças entre as capas dos folhetos, um traz figuras relacionadas às suas histórias enquanto a outra traz impressa a foto do autor em seu quotidiano, isso pode ter ocorrido pelo fato de que, na época em que os folhetos de Leandro Gomes de Barros foram publicados não haver acessibilidade a fotos como na época de Leóbas, uma vez que as capas eram produzidas por xilogravuras, desenhava-se na madeira, em seguida passava-se a tinta e depois aplicam-na ao papel. O desenho servia como forma de identificação com o público analfabeto, a gravura era feita de acordo com a história.

Outra diferença que podemos verificar em uma primeira leitura é o número de versos em cada estrofe.

Barros como precursor dos folhetos utiliza estrofes de seis versos de forma muito organizada e não foge desse esquema em nenhum momento no folheto em análise, enquanto o autor Leóbas utiliza estrofes de sete versos, variando em oito.

Ainda falando sobre os versos, segundo a Prof. Dra. Márcia Abreu, os autores devem adequar-se ao espaço proposto pelas normas oficial da estruturação dos cordéis; Leandro as segue, mas quanto a Leóbas não podemos dizer o mesmo, ele utiliza estrofes de sete versos e quatro estrofes por página com algumas variações.

Além disso, em relação aos temas, nada se assemelham, pois o folheto nordestino *A força do Amor* de Leandro Gomes de Barros, emprega um caso amoroso em que enfatiza a luta de um casal para se unir; e o mato-grossense Carolino Leóbas no Folheto "O poeta acidentado conta como aconteceu", vale-se de abordagens pessoais,

como o acidente em que quebrou a perna e voltou a andar, suas viagens, o valor da mulher, entre outros temas.

Como citado anteriormente, de acordo com a Prof. Dra. Márcia Abreu, os folhetos nordestinos geralmente trazem um mundo organizado em que representantes do bem e do mal medem forças, garantindo aos leitores e/ou ouvintes que a justiça prevaleça, já que o destino dos malfeitores é o sofrimento, a morte e o abandono, levando o leitor a encontrar um fundo moral do tipo: se roubo ou mato, um dia pagarei pelo que faço. Isso nos causa uma certa inquietação, levando-nos a questionar se: Esses modelos de conduta presentes nos antigos cordéis nordestinos ainda são encontrados nos cordéis da atualidade?

Mediante o que foi exposto neste quadro teórico, estaremos observando se os autores em análise seguem ou não as regras oficiais de estruturação dos folhetos, e buscando descobrir as possíveis diferenças entre estes autores que se encontram em épocas tão diferentes.

CORDEL NORDESTINO E MATO-GROSSENSE: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS.

Antes de iniciarmos a análise comparativa proposta faz-se necessário apresentarmos uma sinopse dos enredos dos folhetos:

A Força do Amor[36]

Marina, filha de um importante e bem sucedido barão, apaixona-se por um plebeu órfão chamado Alonso. Eles se amam, mas devido a condição financeira do rapaz o pai dela não permite que fiquem juntos e assim dá-se início a uma gama de obstáculos, um dos quais Marina assassina no altar, com um punhal, um noivo escolhido pelo barão e também mata o irmão do noivo, pois este tenta vingar a morte de seu ente.

Diante do empecilho imposto pelo barão, Alonso vai para o Japão *ficar rico* para retornar e se casar com Marina, já que o problema era a falta de dinheiro. Mas quando ele voltou encontrou sua amada trancafiada em uma prisão. Ele a liberta e juntos fogem com destino ao Japão, no entanto, o barão descobrindo a fuga os persegue várias vezes, porém, não consegue êxito e os amantes chegam ao local desejado.

O barão acaba perdendo tudo o que possuía e buscando um lugar onde não fosse reconhecido desembarcou no Japão, onde Marina e Alonso viviam, ele passa por vários problemas e acaba morrendo nos braços da filha.

---

[36] BARROS, Leandro Gomes de. *A Força do Amor*. 16ª ed. Editor Pedro Baptista. Paraíba 1918

O Poeta acidentado conta como aconteceu[37]

Nesta segunda obra encontramos três narrativas, onde a primeira leva o título do folheto, discorreremos sobre elas seguindo a mesma seqüência do autor.

Em *O Poeta acidentado conta como aconteceu**, o personagem principal, Carolino Leóbas, sofre um acidente e no hospital recebe a notícia de que as chances de voltar a andar eram mínimas. Ele então, recorre a Deus em oração e é atendido, voltando à sua rotina de dar milho aos pombos da rodoviária, recebendo também inspiração divina para continuar escrevendo e publicando. E diante da graça recebida agradece e divulga a doutrina religiosa que segue e que se deve seguir.

Em seguida encontramos a narrativa intitulada *Percorrendo o meu Brasil*, onde Leóbas narra suas viagens por vários lugares, como foi recepcionado e seu sucesso por onde passou.

Encerrada a narração das viagens, ele passa para a história *A Mulher Honesta e Carinhosa, Faz do Homem o que ela quer,* na qual o autor enfatiza o valor feminino, utilizando inicialmente exemplos religiosos e em seguida os sofrimentos da mulher, cujos maridos, num misto de machismo e ignorância causam. Ele ainda critica os homens por maltratar a mulher e pelo fato de não saberem valorizar a *jóia* que têm em casa, e então, dá conselhos para aqueles que não sabem a maneira correta de agir com as mulheres.

Após este breve relato das narrativas, partiremos para uma possível análise dos folhetos comparando-os de acordo com o que abordamos teoricamente.

---

[37] LEÓBAS, Carolino. *O Poeta Acidentado conta como aconteceu.*

* Os títulos foram transcritos da maneira utilizada pelo autor.

Como mencionamos anteriormente o folheto de Leandro Gomes de Barros *A Força do Amor*, foi publicado no início do século XX, mais precisamente no ano de 1918 - porém foi escrito bem antes disso, pois esta é a décima sexta edição -, seguindo todas as regras de estruturação dos folhetos.

Enquanto *O Poeta Acidentado conta como aconteceu*, de Carolino Leóbas, data dos anos 80 do século XX com algumas diferenças do que rege a estruturação oficial dos cordéis nordestinos.

O folheto de Leandro Gomes de Barros apresenta 50 páginas, contendo 212 estrofes, cujos versos perfazem um total de 1269 versos de seis sílabas poéticas cada um. Das 212 estrofes do cordel, 211 são de seis versos e uma de sete , devido ao fato de autor ter colocado na última estrofe do folheto o acróstico do seu nome, e este tem sete letras.

Já o folheto de Carolino Leóbas traz doze páginas, 49 estrofes que somam 339 versos, divididos da seguinte forma: 46 estrofes de sete versos e três de oito versos. O número de sílabas poéticas é bastante variável, podendo ser encontrados versos com cinco sílabas e outros com até doze sílabas.

O cordelista Leandro Gomes de Barros é nordestino, nascido na Vila do pombal, no Estado da Paraíba em 1865.

A origem de Carolino Leóbas também é nordestina, ele saiu do Estado da Bahia aos vinte anos, pois de acordo com seus relatos no ato da publicação estava com 83 anos de idade e reside em Mato Grosso a 53 anos:

> *...Filho do sertão do Norte*
>
> *Berço da inteligência...*
>
> *Onde nasceu Rui Barbosa...* [Bahia] (p. 01)

...Eu nasci e me criei

Naquele lindo sertão...

Saí de casa bem moço

Vim parar em Mato Grosso... (p. 07)

...Hoje moro em Cuiabá

Capital de Mato Grosso

Fazem 53 anos... (p.12)[38]

isso vem demonstrar que talvez ele possa ter tido um certo contato com os poetas cordelistas daquela região adquirindo assim, uma certa influência para atuar como poeta em seu novo lar.

Em relação a questão da diferença de época das publicações, nos cabe enfatizar que sendo Leandro Gomes de Barros o precursor das publicações dos folhetos e um dos fixadores das normas de composição destes é natural que ele as siga corretamente sem jamais deixá-las de lado. Assim como é natural que Leóbas escreva seus folhetos de forma um pouco diferenciada de Barros, afinal são muitas décadas de diferença, décadas estas que devem ser levadas em consideração já que o ser humano tem sempre buscado evoluir e progredir; e ainda considerar que nossa língua não é um objeto estático, ela encontra-se em movimento e modificações contínuos.

Tudo isso nos oportuniza a questionar e expor o que há de moderno no folheto de Leóbas relacionando ao de Barros, buscando aos poucos a analogia entre ambos.

---

[38] ANTUNES, Carolino Leóbas de França. *O grande valor que tem no Livro as Forças do Bem.* Cuiabá-MT., 1978

É importante relatarmos que a cópia que temos do folheto de Barros é a décima sexta edição publicada postumamente, em 1918. Ela traz uma pequena biografia, um retrato e aviso de reserva dos direitos de reprodução. Já Em *Batalha de Oliveiros com Ferrabraz,* publicado em 1913, quando o poeta ainda era vivo e ele, como grande parte dos cordelistas, escrevia e publicava seus folhetos, não fazendo referências a direitos autorais e nem expondo sua biografia.

Carolino Leóbas também não faz citações do tipo mencionado acima, mas faz alguns comentários na contra capa de seu folheto a respeito dos poetas:

O Poeta é um artista
Seja ele de onde fôr
Merece aplauso de todos
Com carinho e com amor;
Os que não lhe aplaudirem
Do meio devem saírem
É porque não tem valor.[39]

Em um outro folheto de Leóbas, *A caneta de um Poeta na luz de um farol,* encontramos uma nota do jornalista Ivaldo Lúcio de Oliveira:

...A arte de Leóbas supera as suas próprias deficiências e serve como lenitivo à almas de muitos aflitos...

[39] Op. Cit. 38

A nota de um jornalista em sua obra, para muitos talvez não signifique nada, mas aqueles que não são leigos sabem que isso instaura um certo *status* ao autor atribuindo-lhe reconhecimento do público e pessoal além de ainda influenciar no aumento das vendas.

Ao compararmos as capas dos cordéis analisados verificamos a existência de uma diferença entre as figuras apresentadas. Leandro Gomes de Barros traz em seu folheto um desenho feito a mão representando ações da narrativa:


Leandro Gomes de Barros

A Força do Amor

Preço . . . . . 1$000

16.ª Edição.—Cuidadosamente revista

EDITOR PEDRO BAPTISTA

Rua 7 de Setembro, 12—Guaratinguetá

Estado da Parahyba do Norte

—1918—

e a do folheto de Carolino Leóbas traz uma fotografia sua, na qual ele encontra-se alimentando pombos na rodoviária de Cuiabá.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA



Diante dessa diferença, devemos observar que Barros nos traz uma história *ficcional*, onde o papel do narrador não vai além de apresentar oniscientemente os fatos e as ações dos personagens da trama, portanto, o que lhe caberia expor seria somente uma figura que representasse essas características, no caso do folheto de Leóbas, onde o autor também está na posição de personagem, sua foto vem também representar fatos presentes na narração. A diferença marcante está entre o desenho feito a mão na capa do cordel de Barros e a fotografia na capa do cordel de Leóbas, estilo moderno de expor imagens, já que no tempo das publicações de Leandro Gomes de Barros não era muito acessível, se pensarmos em desenvolvimento tecnológico e

financeiro, constataremos que naquela época as possibilidades de utilização de fotos eram mínimas.

Ainda em relação a capa dos folhetos, observamos outra diferença, o nome do autor no folheto nordestino consta acima do título da obra, enquanto no mato-grossense o autor é citado somente na quarta capa, ele também não faz referências a edição, local, data ou valor, referências estas que estão presentes no cordel de Leandro Gomes de Barros.[40]

Quanto ao título, em ambos os folhetos está destacado e as medidas utilizadas em relação a largura e tamanho são praticamente as mesmas. Faz-se necessário enfatizarmos também que Leandro Gomes de Barros utiliza no folheto em análise um tema interessante que ressalta o que ele mais aprofunda no cordel chamando assim, a atenção dos leitores, apesar de ser uma frase com poucas palavras: *A Força do Amor;* o mesmo acontece em outras obras suas, como: *Batalha de Oliveiros com Ferrabraz, Os Sofrimentos de Alzira, História do Cachorro dos Mortos*, entre outros.

Já o autor Carolino Leóbas utiliza títulos um tanto maçantes, como é o caso de *O Poeta acidentado conta como aconteceu; A caneta de um Poeta na luz de um farol Divino* e *O grande valor que tem no Livro as Forças do Bem,* esses títulos são demasiadamente grandes, o que os tornam enfadonhos, cansa o leitor quando deveria causar interesse, curiosidade em saber o que se passa na história, características típicas de cordéis.

Embora um folheto possua doze páginas e outro cinqüenta, ambos se encaixam nas normas de estruturação dos cordéis, onde o folheto deve conter um número de páginas entre oito e sessenta e quatro, considerando aqueles com um número de páginas superior a doze como romances.

---

[40] Essas e outras informações sobre Carolino Leóbas e sua obra foram retiradas de outros folhetos também de sua autoria.

O cordel de Carolino Leóbas não é caracterizado como romance, pois ele possui somente doze páginas e ainda, por apresentar narrativas que não condizem com enredos de romances que envolvem tramas e personagens e sim, apenas uma pessoa enfatizando conselhos doutrinários e modelos de conduta.

Enquanto *A Força do Amor* pode ser classificado como romance tanto pelo número de páginas, quanto pelo que consta no enredo, uma trama envolvendo um número considerável de personagens e aventuras e como teorizou Aristóteles, com começo, meio e fim.

O mais importante em um cordel é, sem sombra de dúvida, o narrador. Ao nos voltarmos para essa peça chave percebemos mais algumas divergências entre os autores.

Walter Benjamin, em seu célebre ensaio: *O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskow*[41], comenta o fim de vários séculos de narrações, afirmando a morte da arte tradicional de se contar histórias. Após a segunda guerra os soldados voltavam mudos dos campos de batalha, o que ocasionou dificuldade em encontrar alguém que soubesse ou quisesse narrar algo coeso. Seria esse o fim da arte de narrar? Para Benjamin sim. Final da *Erfahrung*[42], experiência, pois segundo ele a experiência "forma-se" com *dados acumulados, e com freqüência inconscientes, que afluem a memória.*

Segundo Benjamin, o homem moderno é espoliado em sua experiência, vivendo choques diários que precisam ser sem demora assimilados, o que ele possui portanto, são vivências – Erlebnis - , e não experiências. Na vivência do choque, ocorre

---

[41] BENJAMIN, Walter. O Narrador, in: *Magia e Técnica Arte e Política.* Tradução de Sérgio Paulo Ruanet. São Paulo. 1994

[42] *Erfahrung é o conhecimento abtido através de uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra, como numa viagem; o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhes permitem ir sedimentando as coisas com o tempo. Erlebnis é a vivência do indivíduo privado, isolado, e a impressão forte, que precisa ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos.*Op. Cit. 41

a *desintegração da aura*, e nesta individualidade desritualizada da vivência, o homem moderno encontra-se cada vez mais desconectado do passado e isolado em si mesmo.

Assim, o narrador é um homem que fala da experiência, e primeiramente, um observador atento, que sabe dar conselhos e que mantém *a distância certa e o ângulo de visão correto,* para ver surgir num rochedo *uma cabeça ou um corpo de animal.*

Aos narradores, de acordo com Márcia Abreu em seu artigo *Pobres Leitores,* são instituídos os papéis de transmitir/relatar as informações necessárias para a oração do enredo, ressaltando sonhos, pensamentos, desejos planos e ações - fazendo com isso saltar aos olhos do leitor a compreensibilidade deste -, considerando-se a baixa freqüência de diálogos. Tudo isso torna comum o fato dos narradores não interporem-se ao enredo (narrador onisciente) e raro a presença de narradores-personagens, pois o que deve estar em evidencia é somente a história.

Como Leandro Gomes de Barros não foge a regra, o narrador logo de início apresenta do que se trata o enredo:

> *...Nestes versos eu descrevo-*
> *A força que o amor tem,*
> *Que ninguém pode dizer*
> *Que não há de querer bem,*
> *O amor é como a morte –*
> *Que não separa ninguém... (p. 03).*[43]

[43] Op. Cit. 36

e segue a narrativa sem interferir na história até o final, onde na última estrofe ele faz o seguinte comentário:

...Levemos isso a uma analyse,
Então verse-á onde vae,
A soberba é abatida,
No abysmo tudo cae,
Deus é grande e tem poder,
Reduz ao pó qualquer ser,
O poder delle é de pae.... (p.50)[44]

no qual ele não se insere, somente enfatiza que devemos pensar na história narrada, sugerindo-nos que mediante Deus todos somos iguais, ricos ou pobres.

Carolino Leóbas, a muitas décadas de distância da instauração dessas regras, e apesar de se encontrar num período em que, segundo Benjamin Walter, o narrador está em vias de extinção, apresenta-nos um narrador-personagem:

Num acidente de carro
Quebrei minha perna um dia
Fiquei no lugar deitado
Levantar eu não podia;
Um casal filho de Deus
Me botou num carro seu
E me levou na enfermaria... (p. 01)[45]

[44] Op. Cit. 43
[45] Op. Cit. 37

O mesmo acontece na história seguinte, *Percorrendo o meu Brasil:*

Ganhei diploma em São Paulo...

...Fiz sucesso em Pernambuco...

...De lá fui ao Maranhão... (p. 05)[46]

Já terceira e última história, encontramos algumas diferenças quanto a narração das anteriores. O narrador apresenta, como faz o narrador de *A força do Amor,* logo nos primeiros versos o que irá se passar no enredo;

Vou falar sobre a mulher

Pois de mulher eu nasci

E Jesus também nasceu

E não me deixa mentir;

Este dom ele me deu

E com prazer eu recebi... (p. 09)[47]

e nas três estrofes seguintes ele muda sua posição de narrdor, de primeira pessoa passa à terceira pessoa ao fazer relatos sobre a mulher:

...Maria a mãe de Jesus...

...Se o homem soubesse dar

O valor que a mulher tem...

[46] Op. Cit. 45
[47] Op. Cit. 46

...A mulher como mãe é um tesouro...(p. 09)[48]

e então, passa a expor o que pensa, voltando a narrar em primeira pessoa, o que presenciou e aplica ao leitor modelos de conduta e como agir com uma mulher:

...Quantas mulheres eu vejo
Por este mundo jogados
Ao lado de homens brutos...
...Vejo a coitada chorando...
...Homem que bate em mulher
É a maior covardia...
...Isto que estou lhe dizendo
Estou cansado de ver...(p. 10)

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Quem tiver sua mulher boa
Dê valor ao que ela faz
Que a mulher é uma jóia... (p.12)

Temos portanto uma variação no ato da narração, pois o narrador transita entre a primeira e a terceira pessoa.

Segundo Antonio Candido[49], *o enredo existe através das personagens, as personagens vivem no enredo,* e é a partir desse par que o leitor percebe a matéria, o todo transmitido pelo narrador, enfatizado em seu texto como *idéia*, que faz viver tanto enredo, quanto personagens. Cabe observar que não podemos pensar que um desses

[48] Op. Cit. 47
[49] CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção.* Perspectiva. SP. 1970

elementos possa viver separado do outro, eles só vivem se estiverem entrelaçados, apesar de a personagem ser o elemento mais *atuante e comunicativa dentro da arte novelística moderna.*

As personagens e as composições narrativas nas quais se inserem têm acarretado algumas discussões nos meios literários e acadêmicos.

Márcia Abreu, em estudos aqui já comentados, discute a natureza dessas narrativas, como podemos observar na seguinte fala:

> *É interessante perceber que o gênero narrativo parece ser dos mais eficazes como organizador da experiência coletiva, bem como facilitador da memorização. A existência de um enredo – e de personagens – condensadores de atitudes e modos de vida claramente delimitadas – auxilia a compreensão e favorece a conservação na memória de fatos e situações. O enredo pressupõe o encadeamento das ações ligadas umas às outras pelo nexo causal, que auxilia o resgate do já memorizado através do processo de associação. Parecer ser mais fácil recordar e reconstituir uma história do que um conceito, uma idéia abstrata ou um fato isolado. Talvez isso explique a presença de elementos próprios às narrativas no interior de outros gêneros trabalhados nos folhetos – os desafios e os poemas da época.*[50]

[50] Op.Cit. 30

Observando os folhetos em análise, verificamos que ambos apresentam um número bastante reduzido de personagens, o que segundo a Prof. Dra. Márcia Abreu é justificado pelo fato de que, estes em excesso podem complicar a narrativa e confundir tanto o leitor quanto o narrador, se ele estiver cantando o cordel utilizando somente sua memória.

> *A apresentação dos heróis nas narrativas populares costuma reverter-se apenas das característica "positivas"; o bem e o mal são claramente delimitadas, não há zonas nebulosas entre eles. Walter Ong, ao discutir a composição de personagens em culturas orais, afirma a necessidade de criação de figuras fortes e unidimensionais para assegurar a "memorabilidade". Desta forma, estas culturas tendem a trabalhar com tipos, com figuras ambíguas, conflituosas, indecisas.*

Antonio Candido cita ainda, que a personagem, apesar da verossimilhança, é um ser fictício, a impressão de realidade é aflorada devido as descrições fragmentadas desse ser transmitida ao leitor *numa conversa, um ato, uma seqüência de atos, uma afirmação, informação,* o que o leva a percebê-lo como seres misteriosos e inesperados, já que ele não as conhece profundamente. Porém, o leitor juntando os fragmentos de descrições da personagem, ou seja, combinando-os em suas repetições nos variados contextos do enredo, poderá formar uma idéia dela e assim, lançar hipóteses das atitudes posteriores no enredo.

No cordel *A Força do Amor* temos os seguintes personagens: Marina e Alonso, como protagonistas e o barão, pai de Marina, como antagonista; e ainda

personagens de segundo plano, os figurantes, cujos papéis são de ajudar os protagonistas ou o antagonista em seus objetivos com raros ou nenhum diálogo.

Em *O Poeta acidentado conta como aconteceu*, temos apenas uma personagem protagonista, mas o narrador também cita figurantes, ainda que poucos, como por exemplo o casal que o levou ao hospital, que apresenta somente ações sem diálogos:

...Um casal filho de Deus
Me botou num carro seu
E me levou na enfermaria... (p. 01)[51]

Marina, a protagonista de *A Força do Amor*, que devido as circunstâncias do enredo é também classificada como heroína por vencer todos os obstáculos e empecilhos para alcançar o seu objetivo de ficar junto de seu amado. As características instauradas à ela pelo narrador são:

...Marina era uma moça
Muito rica e educada... (p. 03)

...Marina não tinha mãe,
Se sujeitava a tirar
Do dinheiro do barão
Para Alonso sustentar... (p. 04)

[51] Op. Cit. 48

...O amo desde pequena,

E se o amor não conseguir,

No solo do cemitério

Irei com elle me unir... (p. 06)

...Outro homem neste mundo

Não terme-á como mulher... (p. 12)

Segundo os exemplos acima, Marina é educada, generosa e fiel ao seu amado.

Lembrando que ela como heroína da trama, é ainda valente e corajosa para defender e lutar pelo seu amor.

...Chegou ao pé do altar...

...E o noivo estendeu a mão,

Ella cravou-lhe o punhal

Em cima do coração... (p. 14)

Marina, forçada pelo pai a casar-se com um primo, o assassina perante o altar a fim de preservar-se solteira para casar-se com Alonso. Cenas como essas se repetem mais algumas vezes no desenrolar desta trama.

Em relação a beleza, é pertinente colocarmos que o mais enfatizado na narrativa *A Força do Amor* são as ações e não pormenores físicos, - característica não só dessa narrativa, mas dos folhetos em geral - o que a diferencia das personagens do

Romantismo como podemos ver na personagem Inocência, cuja obra de Visconde de Taunay leva seu nome.

> *Apesar de bastante descorada e um tanto magra, era Inocência de beleza deslumbrante. Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno que, a custo, parecia coar por entre os cílios sedosos a franjar-lhe as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces. Era o nariz fino, um bocadinho arqueado; a boca pequena, e o queixo admiravelmente torneado. (p. 39)*

Nesse pequeno trecho temos a idéia de quanto o narrador é minucioso em relação aos detalhes descritivos da personagem, chegando a citar os pormenores dos cílios e sombras.

Percebemos ainda que Marina é a personagem mais bem construída dentro do enredo. As ações por ela apresentadas não são muito condizentes com a realidade feminina da época em que o folheto foi escrito, pois ela é uma mulher decidida, que luta pelo que quer, chegando a enfrentar o próprio pai, atitudes bastante incomum para o final do século XIX.

Naquela época a mulher era submissa, as casadas obedeciam os maridos e as solteiras acatavam as decisões dos pais que eram ainda, quem escolhiam os futuros esposos; e Marina é totalmente o contrário disso, ela demonstra ser uma pessoa inovadora dando passos em direção a liberdade feminina e igualdade entre os sexos ao lutar para casar-se com um homem de sua escolha e ao sustentar essa decisão.

Neste sentido, outro ponto de bastante relevância é o de Marina sempre tomar as decisões pertinentes ao contexto; Alonso, por exemplo, vai para o Japão por decisão dela, o motivo que a leva a tomar essa decisão é ainda mais interessante; o pai dela não deseja que seu genro seja um pobre plebeu, então para torna-lo um homem ao estilo de seu pai, ela o manda ao Japão para *enriquecer*, sua volta também é decidida quando Marina encontra-se com sérios problemas e envia uma carta a ele.

Ela, portanto, nada tem de alienada ou passiva, e sim atuante e consciente do que faz e do que pretende fazer, diferenciando-se, assim, da grande maioria das mulheres presentes no Romantismo, mas assemelha-se a Inocência, de Visconde Taunay e Julieta da obra Romeu e Julieta de Shakespeare, pois todas se apaixonam por homens *proibidos.*

Quando o narrador cita na página três do folheto *A Força do Amor*, que *Marina não tinha mãe,* ele nos sugere que o fato da moça ser "criada" somente com a presença do pai, pode ser que tenha recebido dele influência em suas atitudes, como por exemplo as decisões citadas acima, e ainda pode ter herdado dele a mesma maneira de enfatizar suas vontades, como nos sugere os seguintes versos:

...O amo desde pequena,
E se o amor não conseguir,
No solo do cemitério
Irei com elle me unir...

Há, portanto, nesse trecho uma semelhança entre as atitudes de pai e filha, ambos não abrem mão de seus desejos, um prefere matar e outra escolhe a morte a satisfazer as vontades do pai.

Como reza as normas estruturais dos folhetos, Alonso – o outro protagonista – é descrito de forma pouco abrangente e bastante simplificada:

...Alonso era um enjeitado
Sem ter de família o nome,
Criado por ferreiro
Trapilho e passava fome,
Pois quem é criado assim
Todos os dias não come... (p. 04)

...Alonso foi ao barão,
Chegou com toda coragem
E fez-lhe a declaração... (p. 05)

São apenas essas as referencias diretas a Alonso, mas no decorrer do enredo ele demonstra a partir de ações, atitudes e afirmações, fidelidade ao retornar do Japão para buscar sua amada, honestidade por ter conseguido se situar economicamente com trabalho justo (bancário) e valentia ao deparar-se com os ataques do barão para tentar separar os amantes, o que faz o leitor imaginar que ele jamais deixará essas características de lado, permanecendo até o final ao lado de Marina.

Essas qualidades encontradas no enredo, representam ainda o papel de Alonso como homem, no cordel que é ser fiel a sua amada, ser honesto e defender seu amor, ou seja, seguir a conduta de um homem correto, sua presença na trama representa apoio e defesa à Marina.

O antagonista da trama, assim como Alonso, é descrito de forma sucinta, como indica os seguintes versos:

...O pai della era um barão,

De uma família illustrada... (p. 03)

Essa é a única descrição dada ao barão, porém sua caracterização como antagonista é desenvolvida no desenrolar do enredo de forma dosada e fragmentária, mas que aos poucos deixa transparecer através de suas ações o quanto ele é ganancioso e orgulhoso, pois não quer uma pessoa pobre em sua família, e é capaz de tudo para que isso não aconteça:

...-És assim tão atrevido,

Não respeitas mais a mim,

Aonde estás tu metido?

Então eu tenho uma filha

Para dal-a a um bandido?... (p. 04)

...O barão chamou trez praças,

Deram-lhe voz de prisão...

...Se você casar com elle

Eu deixo de ser barão

Pois eu morto, as minhas cinzaz

Reconhecem o meu brazão... (p. 06)

...-Cale-se, infeliz maldita!

(Fallou o irado barão,)

Se ainda articular commigo

Eu boto-a n'uma prisão,

Mato-a debaixo dos ferros

E lhe acabo a opinião...(p. 07)

O barão é do início ao fim do enredo o causador de todas as dificuldades de Marina e Alonso, os justos, honestos e generosos, pois ele busca o que é muito prezado pelos autores de cordéis, a vingança por ter sido "desonrado". Essa característica é encontrada em várias obras do Romantismo, como por exemplo, na obra de Visconde de Taunay, onde a protagonista Inocência apaixona-se por um médico viajante, desonrando assim, seu pai que a havia prometido a outro rapaz.

De acordo com nossas pesquisas, os vilões presentes nos folhetos nordestinos geralmente são ricos, estabelecendo uma relação entre os ricos proprietários e a falta de caráter, por assim dizer.

Se considerarmos que os autores de cordéis nordestinos geralmente são filhos de pequenos proprietários e assalariados, nascidos na zona rural, sofrendo com o capitalismo dos grandes proprietários que buscam sempre mais lucros sem medir esforços, melhor dizendo, sem medir o sofrimento da classe mais baixa, talvez seja esta uma das possíveis explicações para essa relação entre dinheiro e maldade.

O barão representa ainda, o lado crítico no cordel, ele é rico, mas é mau, ganancioso e abusa do poder que possui. Essa questão é fortemente aflorada por Leandro Gomes de Barros como maneira de fazer uma crítica social aos coronéis do

sertão que, como ouvimos nos noticiários, escravizam e humilham os trabalhadores, o que na época em que o cordel foi escrito poderia ser muito mais comum.

Marina e Alonso são portanto, personagens planas, fortes e unidimensionais, classificadas desde o início da trama para a função que devem atuar, enquanto o barão é uma personagem plana com tendência a esférica com profundidade psicológica, moldada aos poucos, caracterizada o tempo todo como mau e nos versos finais se arrepende de toda a maldade que fez e é perdoado por Alonso e Marina.

Em *O Poeta acidentado conta como aconteceu*, como mencionamos anteriormente, encontramos apenas um protagonista que é o próprio autor. Ele não se descreve diretamente, somente percebemos quem ele é, suas características através da leitura do cordel, vejamos nos exemplos que tipo de homem/personagem Leóbas realmente é:

Idoso:

...Ouvia o povo falar
Que devido a minha idade
Talvez jamais fosse andar...(p. 01)

Cristão:

...Fiz a minha oração
E a Jesus pedi perdão
E lhe pedi pra me curar... (p. 02)

...Sempre falo com Jesus... (p. 03)

...A doutrina de Jesus

É uma coisa sagrada... (p. 03)

Caridoso:

...Que todos os dias me vê

Dando milho aos pombinhos

Que tem seus filhos nos ninhos

E também precisam comer... (p. 01)

...Por isso venho trazer

Milho pra eles comerem

E levar pra seus filhinhos... (p. 02)

Honesto:

...Meu livro não traz mentira

E nem também banalidade... (p. 04)

Trabalhador:

...É ele quem me dá tudo

Pra montar minha oficina;

Onde vivo trabalhando

Escrevendo e publicando...

Famoso por ser bom escritor:

...Ganhei diploma em São Paulo

Em Minas tenho cartaz

Sou querido em Mato Grosso

Da mesma forma em Goiás

Assim em todos estados

Por onde tenho passado

Eu sou querido demais... (p. 05)

...Com muita honra fiz parte

N'um programa de Cidinha;

Foi lá na TV Tupi... (p. 07)

...Nas festas que me apresento

Com estes versos assim

Quantas mulheres eu vejo

Batendo palmas pra mim... (p.12)

É um exemplo de homem que inclusive indica como se deve agir com uma mulher:

...Se o homem soubesse dar

O valor que a mulher tem

Dava-lhe todo carinho

Tratava-lhe muito bem;

Porque homem sozinho

Na vida não é ninguém... (p. 09)

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

E critica aqueles que tratam mal a mulher:

....Eu sei o que ele é

Porque eu sou trovador

Homem desta natureza

É um animal corredor;

Que vive dentro do mato

Dando pulo muito alto

Com medo do caçador... (p. 11)

Enfim, ele é um homem completamente bom, o único personagem do folheto que enfrenta somente um problema, o acidente, mas logo se vê livre e sem obstáculos para atravessar.

Em suma, os personagens apresentados por Leandro Gomes de Barros constituem exatamente o que ditam as regras de estruturação dos folhetos, enquanto Carolino Leóbas, como personagem protagonista, atribui suas características na trajetória do enredo de maneira dosada, que se assemelha a utilizada para descrever o vilão de *A Força do amor,* porém ele é bom. Isso nos sugere que Leóbas, apesar de estar num período diferente de Leandro Gomes de Barros, continua seguindo os modelos clássicos no que diz respeito a descrição de seu personagem.

O fato de Carolino Leóbas apresentar um personagem apenas, talvez seja explicado devido o cordel *O Poeta acidentado conta como aconteceu* não ser classificado como romance, pois é uma obra pequena que enfatiza modelos explícitos de conduta e doutrinas que não utilizam personagens para demonstra-las a não ser ele mesmo.

Quanto ao enredo, podemos dizer que o folheto de Leandro Gomes apresenta coerentemente e linearmente sua história enlaçando enredo, personagem e idéia, desde o título até a última página, já o autor mato-grossense, que propõe narrar como o poeta sofreu um acidente, desenvolve o enredo de uma forma completamente diferenciada do que consta nas normas de estruturação dos cordéis nordestinos, ele inicia o enredo enfatizando seu acidente, mas segue o que foi proposto no tema por somente três estrofes, em seguida, passa a relatar que vai todos os dias na rodoviária dar milho aos pombos, cita sua crença em Jesus, a doutrina que todos devem seguir e encerra a narrativa desta história dizendo o que pensa sobre nosso destino neste mundo e parte para outras histórias, causando assim, uma desordem no todo, ou melhor, na idéia do folheto.

Cabe observarmos que, nas duas últimas narrativas, o autor não foge da linha oratória do enredo como na primeira em que autor enfatiza no título o seu acidente, mas passa somente três estrofes preso ao tema proposto, pois ele explora bem o que propõe.

Na segunda intitulada *Percorrendo o meu Brasil,* o autor narra viagens por vários Estados e, para contrapor o título, diz que esteve no Paraguai, Colômbia e Peru; ele viaja por muitos lugares conhecendo e experimentando tradições e especialidades culinárias de cada região adquirindo e transmitindo experiências da profissão de cordelista, e ainda participando do quotidiano de algumas.

E na terceira e última história traz como título: *A Mulher honesta e Carinhosa, Faz do Homem o que ela quer*, também há contraposições ao título, pois comparando o enredo ao título dessa história, percebemos que há uma discordância, pois o tema enfatiza uma mulher dentro dos moldes aprovados pelos homens nas palavras: *honesta e carinhosa*; e apresentando essas características ela torna-se dominadora, pois: *faz do homem o que ela quer*, porém no enredo encontramos uma mulher que não apresenta autoridade e sim submissão.

Tudo isso é muito contraditório, pois, como pode Marina, uma personagem do final do século XIX ser tão independente, lutadora e a personagem de Leóbas criado no final do século XX, ser tão passiva e dependente?

Desde os primórdios da origem humana foi instaurada inferioridade à mulher, cabendo a ela cuidar da família, dos filhos, enfim, ser submissa ao homem, portanto, Carolino Leóbas apresenta uma personagem de acordo com seus princípios morais, sendo ele um homem idoso seguidor da doutrina cristã, o que pode também explicar a maneira como ele descreve a mulher, pois na bíblia elas são apresentadas de forma inferior, comparada aos homens.

O modo como ele faz a narrativa desta última história, sugere-nos ainda uma tentativa de chamar atenção dos homens:

> *...Quem tiver sua mulher boa*
> *Dê valor ao que ela faz*
> *Que a mulher é uma jóia ...(p. 12)*

e tentar reverter um quadro que lhe parece assustador, já que ele considera a mulher um ser frágil e carente que não possui forças para enfrentar, por assim dizer, um homem:

...Quantas mulheres eu vejo

Por este mundo jogadas

Ao lado de homens brutos

Que só lhe dão é pancadas;

Vejo a coitada chorando

As vezes se lastimando

Lhe digo pobre coitada...(p. 09)

Diferenciando-se assim, do narrador de *A Força do Amor* que dá à mulher força, coragem e persistência.

De acordo com a Prof. Dra. Márcia Abreu as histórias apresentadas nos folhetos nordestinos centram-se no tema da luta entre o bem e o mal, o que pode ser facilmente percebido em *A Força do Amor* de Leandro Gomes de Barros; Alonso e Marina representam o bem e o barão o mau, os quais se entrelaçam criando assim, interesse no leitor em saber quem vencerá? o casal conseguirá a união ou o barão irá separá-los?

Já em *O Poeta acidentado conta como aconteceu* de Carolino Leóbas, encontramos somente a forte presença do bem na narrativa que leva este título e também na seguinte, *Percorrendo o meu Brasil*, porém na última, *A Mulher Honesta e Carinhosa, Faz do Homem o que ela quer,* o bem é representado pela mulher frágil e sofredora e o mal é exposto, pela primeira vez, através do homem que não a valoriza e a trata mal, porém ninguém vence a *guerra*, e sim permanecem nesse convívio conflituoso até o final do enredo. E mais uma vez a mulher exposta por Leóbas está *abaixo* de Marina, pois ela permanece nesse convívio como se fosse vantajoso,

enquanto Marina, de acordo com suas ações no folheto de Leandro Gomes de Barros, se estivesse nesse papel tentaria reverter essa situação.

Nas duas obras encontramos problemas e conflitos de natureza real ocasionando as lutas e dificuldades, as semelhanças podem ser notadas nas questões de dinheiro, amor e religião.

Em relação a dinheiro, Carolino Leóbas, como personagem, sugere em seu folheto ser uma pessoa humilde, desprovida financeiramente, como nos é sugerido quando ele ao sofrer um acidente na rua é levado para uma enfermaria; ao desapegar-se dos bens materiais:

Sempre falo com Jesus
Lhe abraçar mesmo eu queria
Mas a força da matéria
Me dominando vivia;
Fazendo eu viver errado
Hoje estou regenerado...

Esta fala explicita o desapego ao material para viver o valor do espírito

E ainda ao fazer na capa citações que indicam um patrocínio:

O Lula da Foto Paiva
Tirou a fotografia...

Indicando-nos que o autor não podia manter sozinho o custeio de suas publicações.

Na narrativa *Percorrendo o meu Brasil*, também temos indícios de que Leóbas seja um homem humilde, pois o personagem cita ter passado por vários lugares apresentando-se como cantador, sugerindo com isso, custear suas viagens com a renda de suas cantorias.

...Fiz sucesso em Pernambuco...

...Peguei um novo transporte

Fui direto pra Natal...

...Onde fui ao Maranhão...

Essas considerações ganham maior ênfase se observarmos que nas grandes cidades as apresentações de ruas são comuns, assim como, ao final destas *passar o chapéu* arrecadando, por assim dizer, contribuições do público.

Nessa questão de dinheiro, Alonso, personagem de *A Força do Amor*, também é desprovido financeiramente, tanto que segundo os relatos do narrador, chegou a passar fome:

...Criado por ferreiro

Trapilho e passava fome,

Pois quem é criado assim

Todos os dias não come.

e é privado de seu amor por não ser um nobre.

É importante ressaltarmos que a falta de dinheiro não inferioriza Alonso em relação a caráter, ou seja, ele não parte para a vida do crime por ser pobre ou passar fome, o mesmo acontece com Carolino Leóbas que leva sua vida normalmente apesar

de sua condição financeira, o qual ele considera agradável para o espírito, pois ao desapegar-se do material ele passa a considerar-se regenereado.

Já o barão, antagonista de Alonso, possui muitos bens, porém isso não o torna melhor que Alonso ou Carolino Leóbas, mas sim uma pessoa egoísta e que não pensa nos sentimentos daqueles que o cercam.

Marina é nobre, mas isso não a torna má, pois ela não valoriza o material, sendo capaz de renunciar a sua posição em favor de seus sentimentos, porém apesar dessa decisão, ela nada consegue, seu pai não aceita a sua união, o que a faz instigar Alonso a ir para o Japão com o intuito de melhorar sua situação financeira.

O dinheiro no folheto de Leandro Gomes de Barros tem, portanto, a característica de tornar as pessoas, aos olhos do barão boas, pois para ele só são bons aqueles que tem dinheiro, e aos olhos do narrador más, já que ele sugere que o detentores do capital são os causadores dos sofrimentos da classe baixa. No entanto, Alonso consegue situar-se financeiramente e continuar bom, apesar de o dinheiro lhe conceder ações antes inacessíveis, como subornar um carcereiro para libertar Marina e comprar um navio para a fuga.

...-Quer vinte contos de réis
Para a tirar da prisão?
Disse Alonso mostrando
O cheque que tinha na mão... (p.19)

...eu tenho dinheiro
Quer compre a navegação... (p. 23)

Cabe ressaltarmos que a posição de banqueiro também facilita muito a vida de Alonso:

...-Meu amigo, eu sou Alonso
Por quem Marina está presa,
Moro no Japão, sou banqueiro,
Tenho dinheiro e grandesa...
... Chegue lá, pode contar
Com a minha protecção,
Pois eu para os japonezes
Tenho mais força que o barão... (p. 18)

o dinheiro pode não mudar o caráter, mas facilita muitas coisas.

O amor também está presente nas duas obras, mas de maneira diferenciada. No folheto de Leandro Gomes de Barros, temos a explícita presença do amor nas personagens Marina e Alonso, os quais lutam para não deixar esse sentimento perder-se e são capazes de matar para defender seus ideais; isso também acontece em relação ao antagonista, porém o amor representado pelo barão é egoísta e interesseiro, considerando que ele não quer perder sua filha e nem quer que ela saia de seu lado, a não ser que seja com alguém de sua escolha, para assim poder mantê-la ao seu alcance e para que isso aconteça ele chega a aprisiona-la.

Já no folheto de Carolino Leóbas, temos nas histórias um outro tipo de amor, que está mais voltado para a vida envolvendo a profissão e a religião, pois apesar de idoso Leóbas trabalha em sua oficina escrevendo e publicando seus folhetos para comercializa-los na rodoviária, onde faz ainda uma contribuição à vida, dando milho

aos pombos; e ainda o amor ao próximo demonstrado pelo fato de que o personagem passa ao leitor modelos de conduta e doutrinas que ele sugere ser o caminho ao bem estar supremo.

Quanto a religião, há grande ênfase nesse tema por parte dos autores. Carolino Leóbas é um homem fiel à doutrina cristã e busca passar ao leitor esses preceitos, bem como as dificuldades e problemas encontrados por aqueles que não são seguidores desses conceitos.

...A doutrina de Jesus
É uma coisa sagrada
Quem cumpre ela tem tudo
Quem não cumpre não tem nada;
Só tem é sofrimento
E a alma é sacrificada. (p. 03)

Em *A Força do Amor*, é Marina quem torna a religião bastante marcada na obra, ela crê em Deus e busca n'Ele ajuda para conseguir seus objetivos.

...Só Deus sabe e mais ninguém
O que tenho no coração. (p. 11)
...este punhal
É tudo em minha mão,
Abaixo de Deus é elle
Quem me dá proteção. (p. 12)

...Se na prisão acabar

E for perante o Creador,

Se lá puder falar-lhe

Direi a elle: Senhor

Toda culpa quanto tenho

Foi entregar-me ao amor. (p. 16)

O barão também evoca a religião em suas falas, porém de maneira diferenciada como podemos observar nos seguintes versos:

Inda que nisso intervenha

A autoridade Eterna,

Casa-se ainda que vá

Ao fundo de uma cisterna. (p. 12)

Ele evoca a religião para fazer valer sua vontade, que no caso não fará nenhum bem à sua filha, e ela clama para ser salva em momentos conflituosos.

Encontramos ainda a presença de religiosos no decorrer do enredo, porém vejamos alguns exemplos:

...Ahi o bispo pegou-a

E deu-lhe voz de prisão. (p. 15)

E o bispo disso: Marina

Eu tua garanto a vida. (p. 15)

É interessante observarmos o fato do bispo ser mau, ao prender Marina e em seguida ser bom, defendendo a vida da moça.

A igreja por muito tempo defendeu os interesses da burguesia, o que explica o fato do bispo na frente do barão maltratar Marina, mas a sós com ela, a defender.

Ainda em relação a religião temos mais um fato em comum nos folhetos, os personagens de ambos recebem ajuda de um ser supremo como podemos verificar nos exemplos a seguir:

O Poeta acidentado conta como acontece:

...Fiz a minha oração
E a Jesus pedi perdão
E lhe pedi prá me curar.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Jesus ouviu meu pedido
E me socorreu na hora
Daquele dia em diante
Já fui sentindo melhora
Hoje porém estou curado
Andando prá todo lado
Contando aqui minha história...(p. 01)

A Força do Amor:

...Ahi Marina sentiu

Uma voz desconhecida

Dizer-lhe tua oração

Por Deus do céo foi ouvida,

Com pouco vem uma onda,

Que salvará tua vida.

Então perguntou Marina:

Quem és tu que estás falando?

-Sou tua mãe! respondeu-lhe,

Estou sempre por ti velando,

Há 15 annos que morri,

Mas vivo te acompanhando.

Ahi chegou uma onda,

Com toda força arrojou-os,

Sobre uma praia botou-os,

Alonso pegou Marina,

Ahi a onda deixou-os...(p. 30)

No caso de Carolino Leóbas a ajuda divina nos sugere os chamados milagres religiosos, bastante comuns aos religiosos. A ajuda recebida por Marina, do folheto de Leandro Gomes de Barros se assemelha com as obras do classicismo onde os mortais recebiam ajuda de deuses pagãos, como exemplo disso podemos citar a obra *Os*

Lusíadas de Luiz Vaz de Camões, vejamos um pequeno trecho dessa obra para tornar essa comparação mais sólida:

> *...E vejamos, entanto, que acontece*
> *Àqueles tão famosos navegantes,*
> *Depois que a branda Vênus enfraquece*
> *O furor vão dos ventos repugnantes... (Canto VII, p. 15)*[52]

Essa semelhança pode ser explicada pelo fato que, o ser humano que crê em divindades, sempre espera e confia que um ser superior o ajude em seus problemas, o que uma é característica típica de contos populares assim como no cordel nordestino onde mostra geralmente pessoas que sofrem com a seca, com a fome e dirigem seus apelos à alguém que acreditam poder trazer-lhes soluções. As citações referente as divindades indicam ou sugerem ainda, que o escritor comunga a mesma ideologia de seu público, afinal o cordelista, em geral, é de origem humilde e dirige suas obras ao público dessa mesma origem, tornando o fato do narrador citar que Marina e Alonso são salvos por uma pessoa que não é de carne e osso, tema bastante comum aos leitores.

Uma analogia entre os folhetos que cabe aqui enfatizarmos, é a de que em *A Força do Amor* os personagens cometerem assassinatos por diversas vezes e isso não ser considerado errado, e no folheto de Carolino Leóbas, ou melhor a doutrina enfatizada por ele não permite erros deste tipo, pois o cristianismo enfatiza nos dez mandamentos da lei de Deus que o homem não deve matar.

Como citado teoricamente, o autor cordelista apresenta um mundo organizado de forma que a justiça sempre prevaleça, levando os malfeitores ao

[52] Nesse trecho os personagens se encontravam numa tempestade marítima.

sofrimento, morte ou abandono, e os benfeitores a felicidade *plena*, ou com palavras mais específicas, eles enfatizam implicitamente nas entrelinhas que, aquele que faz o mal sempre pagará por essas ações e quem faz o bem sempre consegue alcançar os objetivos, o que é uma característica de causa e conseqüência típica do cordel.

Todas essas características estão presentes no folheto de Barros; o barão como antagonista da trama perde suas riquezas e passa a mendigar, enquanto os protagonistas conseguem viver *felizes para sempre*, portanto, encontramos nessa obra um fundo moral que enfatiza que, mesmo que se tenha dinheiro, não se deve ser mau para não sofrer conseqüências posteriores.

Carolino Leóbas também expõe modelos de conduta, porém não implicitamente como o autor nordestino, mas de forma clara e direta, e como supra mencionado não há vencedores ou perdedores em seu enredo.

...A doutrina de Jesus
É uma coisa sagrada
Quem cumpre ela tem tudo
Quem não cumpre não tem nada;
Só tem mesmo é sofrimento
Tortura e padecimento
E a alma sacrificada... (p.03)

...Em mulher nunca se bate
Nem mesmo com uma flor
Mulher deve ser bem tratada
Com carinho e com amor;

Nisto a verdade se encerra

Se por acaso ela erra

O mundo é seu professor.

Homem que bate em mulher

É a maior covardia

Aproveita da fraqueza

Entra com a valentia;

Mas só é para mulher

Com outro homem qualquer

Quando lhe enfrenta ele esfria... (p.10)

...Quem tiver sua mulher boa

Dê valor ao que ela faz

Que a mulher é uma jóia

Que aumenta o nosso cartaz... (p. 12)

Talvez essa clareza nas afirmações seja uma característica da modernidade, ou melhor, da liberdade de expressão que o autor possui instigada pela maior transparência com os erros de comportamentos das pessoas que na atualidade são demonstrados.

Fazendo mais uma analogia entre as obras, percebemos que a história do folheto de Leandro Gomes de Barros é uma ação contínua com começo, meio e fim, ou seja, um romance, enquanto a de Carolino Leóbas parece mais um livro de conselhos e doutrinas destinados às pessoas as quais ele julga necessitar destes ensinamentos,

fazendo-nos lembrar o narrador tradicional e clássico que escrevia livros ou coleções, como por exemplo aquela que leva o título *Biblioteca para moças,* que enfatiza como uma dama deve se comportar no dia a dia, como cuidar de seu marido e filhos entre outros títulos semelhantes.

O cordel nordestino segundo as regras de estruração, traz nos primeiros versos uma sinopse do que transcorrerá no decorrer do enredo. Verificamos a presença desta característica em ambos os folhetos analisados, mas com uma variação, vejamos os exemplos:

A Força do Amor:

Nestes versos eu descrevo
A força que o amor tem,
Que ninguém pode dizer
Que não há de querer bem,
O amor é como a morte –
Que não separa ninguém. (P. 03)

O Poeta acidentado conta como aconteceu:

Num acidente de carro
Quebrei minha perna um dia
Fiquei no lugar deitado
Levantar eu não podia... (p. 01)

Leandro Gomes de Barros dá início a sua narrativa de acordo com a teoria e Carolino Leóbas, talvez contagiado pela pressa contínua e busca pela praticidade da modernidade, não faz rodeios e vai direto ao assunto da narrativa. Entretanto, essa praticidade, por assim dizer, é deixada de lado em *A Mulher Honesta e Carinhosa, Faz do Homem o que ela quer,* vejamos seus primeiros versos;

Vou falar de mulher
Pois de mulher eu nasci
E Jesus também nasceu
E não me deixa mentir... (p. 09)

Isso nos sugere, mais uma vez, que mesmo Leóbas estando a anos de distância da criação das regras estruturais dos folhetos, está ainda ligado a elas e acaba *esquecendo* as vezes, a modernidade e volta às raízes.

Em relação a linguagem utilizada pelos escritores, observamos que ambos se esforçam em ser claros e objetivos, buscando se expressar de forma que todos possam compreende-los. Esse esforço justifica-se pelo fato de os consumidores desta literatura serem populares de classe baixa e que geralmente possui pouca ou nenhuma instrução.

Observamos que há alguns erros de ortografia no folheto de Leóbas como: *desiguinado*, no lugar de designado; *emissoura* ao invés e emissora, dentre outros, o que demonstra que assim como os leitores de pouca instrução, muitas vezes autodidatas, o autor nordestino também nos sugere com esses erros possuir pouca instrução também. Cabe observar que não há erros de concordância e nem problemas

de compreensão. Esses erros também podem ser propositais para dar maior ênfase sonora ao verso.

Quanto aos erros gráficos do folheto de Leandro Gomes de Barros, podemos dizer que fica um tanto complicado levantar hipóteses sobre a grafia por ele utilizada, já que a gramática da época em que o cordel foi escrito é bastante diferenciada da do período de Leóbas. Verificamos, no entanto, a presença de muitas palavras grafadas com consoantes duplicadas, como: elle, illustrada, mettido; uso do *h* entre vogais: ahi, cahi; e outras do tipo: acção, dal-a, pae, desherdal-a, abysmo, etc. Essas características gráficas assemelham-se a características da língua portuguesa lusitana, no entanto, não podemos classificá-las ou identificá-las como certas ou erradas, e mesmo porque não dificultam em nada a compreensão do texto ou a concordância frasal e ainda pode ser que naquela época a grafia fosse essa, considerando que nossa língua evolui dia a dia e que fomos colonizados pelos europeus e nos foi instaurada a sua língua como padrão para as comunicações.

Mais que personagem, enredo, narrador ou linguagem, o papel da rima num folheto é fundamental, pois é um dos recursos mnemônicos usado para a memorização, possibilitando aos cantadores populares a facilidade de recordar suas histórias, e transmiti-las oralmente à seu público, histórias estas muitas vezes bastante longas.

Ao lermos um texto em que ocorrem rimas nos é dada a impressão de musicalidade devido aos efeitos sonoros que elas causam, e é justamente isso que tanto impressiona o leitor de cordel fazendo, até mesmo, com que ele passe a ler e gostar somente de textos em versos e rimas.

As rimas apresentadas nos cordéis em análise são bastante diferenciadas, Leandro Gomes de Barros procura seguir o mesmo esquema de rimas durante todo o

folheto, porém, como cita Márcia Abreu, o encadeamento exato das rimas é um pouco complicado de seguir por longas narrativas; ele usa estrofes de seis versos procurando distribuir as rimas da seguinte forma: abcbdb, no entanto como podemos observar na estrofe abaixo, esquemas diferenciados:

1	*Nestes versos eu descrevo –*	**a**
2	*A força que o amor tem,*	**b**
3	*Que ninguém pode dizer*	**a**
4	*Que não há de querer bem,*	**b**
5	*O amor é como a morte –*	**d**
6	*Que não separa ninguém.(p. 03)*	**b**

Como toda regra tem sua excessão, em sua última estrofe, que traz sete versos devido ao acróstico, ele apresenta as seguintes rimas:

1	**L***evemos isso a uma analyse,*	**a**
2	**E***então verse-á onde vae,*	**a**
3	**A** *soberba é abatida,*	**b**
4	**N***o abysmo tudo cae,*	**a**
5	**D***eus é grande e tem poder*	**c**
6	**R***eduz ao pó qualquer ser,*	**c**
7	**O** *poder delle é de pae.(p. 50)*	**a**

Septilha em: aabacca

Já Carolino Leóbas apresenta um esquema bastante variado de rimas em estrofes de, as quais contém na maioria sete versos, vejamos alguns exemplos:

1	*Meu livro não traz mentira*	**a**
2	*E nem também banalidade*	**b**
3	*Só traz conhecimento*	**c**
4	*Para toda humanidade;*	**b**
5	*São lições que me vem*	**c**
6	*No livro as forças do bem*	**c**
7	*Vindas da eternidade. (p. 04)*	**b**

Na estrofe abaixo temos as rimas distribuídas de acordo com as regras estruturais dos folhetos.

1	*Sei que Jesus aprecia*	**a**
2	*O meu trabalho prestado*	**b**
3	*Tanto assim que longos anos*	**b**
4	*O bom Jesus tem me dado;*	**b**
5	*83 anos tenho*	**d**
6	*Onde quero vou e venho*	**d**
7	*Satisfeito e sossegado. (p. 03)*	**b**

Porém, vejamos outras estrofes e perceberemos mais claramente o quanto ele varia na disposição das rimas, como nesta septilha em ababccb:

1	*Num acidente de carro*	**a**
2	*Quebrei minha perna num dia*	**b**

3	*Fiquei no lugar deitado*	**a**
4	*Levantar eu não podia;*	**b**
5	*Um casal filho de Deus*	**c**
6	*Me botou num carro seu*	**c**
7	*E me levou na enfermaria.(p. 01)*	**b**

Septilha em:aabacca

1	*Capricho e sinceridade*	**a**
2	*É o ponto principal*	**a**
3	*A lealdade e a firmeza*	**b**
4	*É este o nosso ideal;*	**a**
5	*De quem neste mundo vem*	**c**
6	*A fim de fazer o bem*	**c**
7	*A qualquer tipo de animal.(p.04)*	**a**

Oitava em: abcbbddb.

1	*E vai dizendo este poeta*	**a**
2	*Cumpre o seu dever sagrado*	**b**
3	*Dando comida aos pombinhos*	**c**
4	*Que estavam abandonados*	**b**
5	*Poeta vou lhe ajudar*	**b**

6	*O que você precisar*	**d**
7	*A mim pode procurar*	**d**
8	*Que estarei sempre ao seu lado. (p. 02)*	**b**

Carolino Leóbas ao variar a disposição das rimas e versos nos sugere uma liberdade em seus folhetos, o que é uma característica marcante do modernismo, pois na atualidade as pessoas buscam a praticidade e liberdade de escolha, e não havendo uma exigência de seu público, essa liberdade acabou ocasionando a perda parcial da sonoridade prejudicando em partes, a memorização do enredo.

O aspecto rítmico dos folhetos também é bastante diferenciado, Leandro Gomes de Barros apresenta versos com sete e/ou seis sílabas poéticas, cujos acentos se posicionam de várias maneiras, o que, de acordo com as regras de estruturação dos folhetos é normal, pois estes versos são os mais próximos da fala e com isso possibilita a memorização, além de que, em relação aos versos de sete sílabas a regra é mais aberta que as outras, pois desde que a última sílaba do verso seja acentuada, os demais acentos são livres. Vejamos uma estrofe do folheto *A força do amor*:

		E.R.[53]
1	*Am-bos- na-sce-ram- n'um- si (tio)*	7 (1,4,7)
2	*Num- di-a e- na- mes-ma- tar(de),*	7 (2,4,7)
3	*Pe-ga-ram- lo-go a- se a-mar*	7 (2,4,7)
4	*Com- no-ve a-nnos- de - i-da (de);*	7 (2,7)
5	*Se- to-dos- dois- fo-ssem- ri (cos)*	7 (2,5,7)

[53] E.R. é abreviação de Esquema Rítmico. O primeiro número indica o total de sílabas do verso os números entre parênteses indicam as sílabas acentuadas.

6	*E-ra um- ca-sal- de i-gual-da (de)* 1 2 3 4 5 6 7	7 (1,4,7)

Carolino Leóbas também alterna a localização dos acentos nas sílabas poéticas, porém, ele complica um pouco a sonoridade dos versos ao variar no número de sílabas poéticas, como podemos observar no trecho abaixo:

		E.R.
1	*Es-ti-ve -tam-bém -na- Co-lom (bia)* 1 2 3 4 5 6 7 8	8 (2,5,8)
2	*Co-nhe-ci –tam-bém o- Pe-ru* 1 2 3 4 5 6 7	7 (1,4,7)
3	*Pe-lo- Rio- Ja-va-ri* 1 2 3 4 5 6	6 (1,3,6)
4	*Fui- no- bar-co I-ta-pu-rú* 1 2 3 4 5 6 7	7 (2,5,7)
5	*O- bar-co- ve-loz- co-rri (a)* 1 2 3 4 5 6 7	7 (2,5,7)
6	*E o- po-vo- con-tem-te- vi (a)* 1 2 3 4 5 6 7	7 (2,5,7)
7	*O-s in-dios- co-rren-do- nus* 1 2 3 4 5 6 7	7 (2,5,7)

Se Carolino Leóbas utilizasse o mesmo número de sílabas de Leandro Gomes de Barros seus versos não causariam no leitor a sensação de que está falta de alguma coisa, pois a diferença de uma sílaba mal pode ser notada, mas duas ou três, como é o caso de algumas estrofes, acabam criando um corte na leitura, dificultando assim a sonoridade e a memorização da história e talvez comprometendo a simpatia do leitor com o cordel em si.

Apesar dos folhetos analisados serem de épocas bastante diferenciadas, podemos dizer que comparando-os, encontramos muitas diferenças, mas também semelhanças.

O autor nordestino, Leandro Gomes de Barros, como precursor das impressões dos folhetos, teve diversos seguidores, espalhando assim, além de suas obras, conceitos por ele criados. Diante disso, as pessoas com os folhetos em mãos, ou ouvindo-os em cantorias, foram passando de geração para geração o estilo cordelista, fazendo-os chegar nos lugares mais diversos, e porque não dizer, até Carolino Leóbas, que também de origem nordestina, e apesar de estar em um período muito a frente de Leandro Gomes de Barros, apresenta fortes raízes das regras instituídas por ele, como podemos ver em algumas estrofes nas quais ele segue o mesmo esquema de disposição das rimas. Ao iniciar a narrativa *A Mulher Honesta e Carinhosa, Faz do Homem o que ela quer* da mesma forma que seu precursor faz em *A Força do Amor,* na maneira de descrever os personagens, na abordagem religiosa

Quanto a linguagem o folheto de Carolino Leóbas moderniza, ou melhor acompanha as modificações lingüísticas naturais. Ele, portanto não poderia deixar de ser diferente de Leandro Gomes de Barros nesta parte.

Em relação as características de âmbito regional, citamos que não há referencias que abrangem esta questão, pois tanto Leóbas, quanto Leandro Gomes de Barros não fazem menção à sua terra; o primeiro apenas cita o local onde está (Cuiabá) e o segundo nada menciona, pois enfatiza apenas as ações e não o lugar onde as personagens se encontram, a trama se desenvolve num local onde os três personagens principais estão, e depois há algumas peripécias no mar quando eles partem em destino ao Japão. Assim podemos dizer que as características regionais como linguagem, lugares comuns ou alimentos, não são enfatizados nestas obras.

Os dois autores apresentam modelos de conduta, explorando o lado familiar e modo de vida do homem, mas de forma bastante diferenciada, em Leandro Gomes de Barros de forma implícita, enquanto Carolino Leóbas explícita.

Diante dessas considerações, concluímos que Carolino Leóbas moderniza, mas também demonstra estar ligado às raízes plantadas por Leandro Gomes de Barros fazendo-as continuar vivas já que ele é parte da própria cultura passada e repassada de geração em geração, apesar do grande avanço tecnológico e da correria do dia a dia. Afinal, como disse Benjamin, a cultura popular *se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas.*[54]

A literatura dos folhetos em nossa região é pouco evidenciada, chegando a nem ser conhecida por grande parte das pessoas, o que é sem sombra de dúvida uma grande perda, se pensarmos em aquisição cultural, pois ela, além das belas histórias, nos fazem reconhecer realidades diversas ou voltarmos a questionar a nossa própria realidade, pois não vivemos só de nossa história e contexto de vida, mas sim de toda uma gama história que vem sendo constituída desde os primórdios humanos, como cita Thompson:

> *As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (*como supõem alguns praticantes teóricos*) como instinto proletário etc. elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como valores ou (* através de formas mais elaboradas*) na arte ou nas*

[54] Op.Cit. 41

convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) *pode ser descrita como consciência afetiva.*[55]

Quem imaginar que a leitura de um cordel possa ser enfadonha ou cansativa, está totalmente enganado. Ao iniciarmos a leitura somos envolvidos pela musicalidade do texto combinada com a harmonia das palavras, o que torna um tanto difícil interromper a leitura antes do final do folheto.

Ao ler o folheto *A Força do Amor*, percebemos uma grande ênfase à mulher; Marina luta por seus ideais contrariando os preceitos daquela época e ainda por encontrarmos na obra uma crítica ao barão que faz valer o velho costume de casamentos arranjados pelos pais. Isso nos leva a imaginar que, caso o autor do folheto fosse anônimo, ele poderia ter sido escrito por uma mulher, pois como um homem do século XIX, época em que o autoritarismo machista estava em evidência, poderia atribuir tais qualidades à Marina? Bem, esta questão já é uma outra história, que quem sabe, fique para o próximo ensaio monográfico.

[55] E.P. Thompson. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros,* 1981

Considerações Finais

Ao final da pesquisa cabe-nos ressaltar que esta é apenas uma das possíveis análises desses folhetos, pois os temas abordados e outros passíveis de serem encontrados são um tanto ambíguos.

Dificuldades são muitas, porém temos que vence-las, apesar do pouco tempo, dos problemas da vida, enfim temos de mostrar-nos fortes e capazes, afinal não queremos ser apenas mais um numa gama de muitos, pois, em acordo com Raul Seixas, eu também *prefiro ser esta metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.*

É doloroso saber que este é o final de quatro longos anos de luta, fé e muita união, que ficarão para trás com muita saudade, porém é satisfatório poder dizer que este não é um trabalho de final de curso, e sim um trabalho inicial do curso de uma vida promissa.

Referências Bibliográficas

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

ABREU, Márcia. *Histórias de Cordéis e Folhetos.* Mercado de Letras. 1999 SP.

_____ *Pobres Leitores.* Artigo retirado da Página da Web, URL: http://www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios/marcia.htim

BAPTISTA, Francisco das Chagas. *Novas lutas de Antonio Silvino.* 1° Vol. Paraíba 1911.

BARROS, Leandro Gomes de. *A Força do Amor.* 16ª ed. Editor Pedro Baptista. Paraíba 1918

_____ *Batalha de Ferrabraz com Oliveiros. Recife, 1909*

BENJAMIN, Walter. O Narrador, in: *Magia e Técnica Arte e Política.* Tradução de Sérgio Paulo Ruanet. São Paulo. 1994

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna.* 2° ed. Companhia da Letras. SP. 1989.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil.* 6ª ed. Editora Brasiliense. SP. 1994

CORDEL. Artigo (anônimo) retirado de uma página da Web, URL: http: //www.bibvirt.Futuro.usp.br/acervo/paradidat/cordel/cordel.html

E.P. Thompson. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros,* 1981

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, Escrita e Poder.* 3º ed. Martins Fontes. SP. 1994.

GOLDSTEIN, Norma. *Análise do Poema.* Ática.SP. 1988

_____ *Versos, Sons, Ritmos.* 12º ed. Ática. SP. 1999

LEÓBAS, Carolino. *O Poeta Acidentado conta como aconteceu.*

_____ *O grande valor que tem no Livro as Forças do Bem.* Cuiabá-MT. 1978

OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy. *Cultura Escrita e Oralidade.* Ática 2ª ed. SP.: 1997

TAUNAY, Visconde de. *Inocência.* Ática 26ª ed. SP. 1998

Anexos

A Força do Amor

Nestes versos eu descrevo –
A força que o amor tem,
Que ninguém pode dizer
Que não há de querer bem,
O amor é como a morte –
Que não separa ninguém.

Marina era uma moça
Muito rica e educada,
O pai della era um barão,
De uma família illustrada,
Porem ella amou Alonso,
Que não possuia nada.

Ambos nasceram n'um sitio
Num dia e na mesma tarde,
Pegaram logo a se amar
Com nove annos de idade;
Se todos dois fossem ricos
Era um casal de igualdade.
-3-
Alonso era um enjeitado
Sem ter de família o nome,
Criado por ferreiro
Trapilho e passava fome,
Pois quem é criado assim
Todos os dias não come.

Pelas mercês de Marina
Alonso poude estudar
Marina não tinha mãe,
Se sujeitava a tirar
Do dinheiro do barão
Para Alonso sustentar.

Estava com 22 annos.
Dispoz-se um dia Marina,
Disse a Alonso: me peça.
Veja o que a sorte destina,
É bom que se saiba logo
Meu pae o que determina.

Amanhã pelas 10 horas
Você vá ao barão,
Chegue lá, declare a elle
Que pretende a minha mão,
Conforme o que elle disser
Eu tomo a resolução.

Se não faltar-lhe a coragem
Havemos de conseguir.
Meu pae não é raio electrico
-4-

Que nos possa consumir,
Ou faz o que nós queremos
Ou vê então eu sahir.

Alonso ahi respondeu-lhe:
-Não obsta ella ser barão;
Título comprado não pode
Comprar a um coração,
Elle é mortal como eu,
Um de nós dois perde a acção.

Elle pode desherdal-a,
Tomar tudo que for seu,
Casar-me com moça rica
Não é interesse meu,
Amo-a mais que á minha vida,
Escravo do amor sou eu.

No outro dia às 10 horas
Alonso foi ao barão,
Chegou com toda coragem
E fez-lhe a declaração
Que amava a filha delle,
Pretendia della a mão.

Exclamou logo o barão:
-E's assim tão atrevido,
Não respeitas mais a mim,
Aonde estás tu mettido?
Então eu tenho uma filha
Para dal-a a um bandido?
-5-

Disse Alonso: Sr. Barão,
Não obsta eu ser pobre,
Sua filha poteutada,
Me ama sem eu ser nobre,
Amor não olha riquesa
Ainda que a pobresa dobre.

O barão chamou trez praças,

Deram-lhe voz de prisão,
Arrastaram o pobre Alonso
Como se fosse elle um cão,
Ou fosse algum insolente,
Um assassino ou ladrão.

O barão chamou a filha,
Perguntou se tinha dado
Consentimento a um bandido
Que o tinha injuriado,
Pedindo-a em casamento
Sendo elle um desgraçado.

-Fui eu, respondeu Marina,
que mandei elle pedir,
O amo desde pequena,
E se o amor não conseguir,
No solo do cemitério
Irei com elle me unir.

O barão corou e disse:
-Descanse seu coração,
Se você casar com elle
-6-

eu deixo de ser barão
pois eu morto, as minhas cinzaz
reconhecem o meu brazão.

Eu já mandei-o prender
E fiz recommendação,
Que não consentisse alguém
Levar a elle água e pão
Creio que mais de 10 dias
Não terá de duração.

Disse Marina: -Meu pae,
Pode se desenganar,
Ainda Alonso morrendo
Se o atirarem no mar,
Lançar-me-ei no abysmo
E vou com elle parar.

Porque se é pobre assim,
Não tem pai, foi enjeitado,
E' pobre, mas tem orgulho
De dizer: sou homem honrado!
E elle ser potentado.

-Cale-se, infeliz maldita!
(Fallou irado o barão,)
Se ainda articular commigo
Eu boto-a n'uma prisão,
Mato-a debaixo dos ferros
E lhe acabo a opinião.
-7-

-Pode matar, disse ella,
Sacie a sua paixão,
Meu pae me aniquila os dias
Mas não minha opinião;
Só Deus sabe e mais ninguém
O que tenho no coração.

Se recolheu ao seu quarto
Deixando o pae no salão,
Estudando qual o meio
Della enganar o barão,
Como podia tirar
Seu amante da prisão.

Depois de pensar um pouco
Chamou a criada d'ella,
Disse que fosse à cadeia
E fallasse á sentinella,
Que ela mandava dizer
Para vir fallar com ella.

Recebe o guarda o recado
E pronptamente chegou,
Ella estava no jardim,
O guarda se apresentou,
Não houve ahi quem soubesse
A cilada que ella armou.

Disse Marina ao guardar:
-Você é um desgraçado,
Mil annos que viva aqui
-8-

Não passará de um soldado,
Solte Alonso que está preso
Que o faço felizardo.

-Senhora, disse o guarda,
Isso faz minha desgraça,
Se eu fizer isso, seu pae
Acaba até minha raça.

Disse Marina: deserte,
Para que você quer praça?

Dou-lhe dez contos de reis
Para você o soltar,
Elle vai para o Japão
Onde há de negociar
Você deserta com elle,
Lá pode bom se arrumar.

Ahi o guarda sábio
Só pensando no dinheiro,
Então poude aproveitar-se
Do somuo do carcereiro;
Tirou-lhe as chaves do bolso,
Soltou o prisioneiro.

Chegaram ambos ao jardim,
Alonso com o soldado,
Ella foi ver o soldado,
Ella foi ver o dinheiro
Que ha ambos tinha ajuntado,
Achou cem contos de reis,
Dinheiro forte e cunhado.

Ahi disse ella a Alonso:
-Vamos luctar com a sorte
Você fuja p'ra o Japão;
Dou lhe um falso passaporte,
Com as paixões de meu pae,
Você vá e não se importe.

Quando escrever para mim,
Para não ser descoberto,
Bote Jannaria Mendes,
Filha de Hercula Berto,
As que en escrever d'aqui
Vão: Iguacio Felisberto.

Você enricando lá,
Depois, quando aparecer,
Meu pae estará mais brando
E poderá se esquecer,
Se illude com o dinheiro,
Todo se pode fazer.

Quando foi no outro dia
O barão poude saber
Que Alonso tinha sahido
Deu-lhe febre e quis morrer,
Não assassinou Marina
Por um padre se interver.

Com 4 dias depois
Veio um moço passeiar,
Foi á casa do barão,
-10-
esse lhe deu um jantar,
O tal moço viu Marina,
Pediu-a para casar.

O barão disse que dava,
Porém Marina não quiz,
Disse-lhe pessoalmente:
Comigo não é feliz,
Fóra Alonso, para mim
Não ha outro no paiz.

Lhe replicou o barão:
A' força has de casar,
Este homem é muito rico,
Tem bem com que lhe tratar,
Se não me fizer os gostos
A vida te ha de custar.

-Meu pae, respondeu Marina,
a morte a mim me faz bem.
O homem que casa á força
Que sentimento bom tem?
Eu sou mulher; mais á força
Não me caso com ninguem

E o sr., cavalheiro,
Saiba que está enganado,
Esposa sua eu não sou.
Pois assim tenho jurado,
Pode ficar na certesa
Que não logra este bocado.
-11-

O barão disse: se aprompte
Que ella não se governa.
Inda que nisso intervenha
A autoridade Eterna,
Casa-se ainda que vá
Ao fundo de uma cisterna.

Faltavam apenas dois mezes

Para a realização.
Quando veio a precatória,
Foi logo às mãos do barão
Denunciando o tal moço
Como assassino e ladrão.

Deste ficou ella livre
Pois a justiça o prendeu,
Porém por caipora della
Um primo lhe appareceu;
Pedindo-a em casamento,
O pae promptamente deu.

Então Marina ahi disse-lhe:
Meu pae, faça o que quizer,
Eu só caso com Alonso,
Dê lá a sorte o que der.
Outro homem neste mundo
Não ter-me-á como mulher.

O pae já havia comprado
Um muito rico enxoval,
Disse a ella: você casa
-12-

Casa por bem ou por mal
Respondeu ella: meu pae,
Eu preparei um punhal!

Então escreven ao primo
Que não viesse casar,
Sob penna de morrer,
Que era um calculo sem errar,
Pois mesmo nos pés do padre
Ella havia de o matar.

Ella mandou-lhe dizer
Que abrandasse o coração,
Se esquecesse de um bandido
Que envergonhava o barão,
Que d'alli a mais dois dias
Ella lhe daria a mão.

Afinal chegou o dia
Que ella havia de casar;
Disse comsigo Marina:
Por certo hei de me acabar,
Que romence interessante
Alguem de mim vai formar!

Estava o altar preparado,
O bispo e o capellão,
O presidente da província,
Que era amigo do barão,
A sala estava repleta
De homens de posição.
-13-

As criadas de Marina
Vestiram-lhe o enxoval,
Ella disse a uma d'ellas:
Mande que dobre o signal,
E por debaixo das roupas
Collocou logo o punhal.

Chegou ao pé do altar
Mesmo na ocasião
Que o bispo preparou tudo
E o noivo estendeu a mão,
Ella cravou-lhe o punhal
Em cima do coração.

O punhal entrou um palmo,
Elle cahiu no chão,
Ella perguntou ao pai:
Está satisfeito, barão?
Viu como uma mulher faz?
Cumpri, minha jura, ou não?

O barão ficou possesso,
Quiz na mesma ocasião
Vibrar-lhe outra punhalada,
Deixal-a morta no chão,
Soluçava em desespero
Em pensar naquella acção.

Foi um irmão do tal noivo
Vingar nella seu irmão,
Ella disse: este punhal
-14-

É tudo em minha mão,
Abaixo de Deus é elle
Quem me dá a proteção.

Ahi cravou-lhe o punhal,
Elle cahiu sem alento,
Ella enxugando o punhal

Gritou: tudo eu arrebento,
Morre ou soffre ferimento.

Ahi o bispo pegou-a
E deu-lhe voz de prisão
-Estou presa, disse ella,
Mas não me entrego ao barão,
Meu pae me fez minha perdição.

Apontou para o cadáver
E lhe disse: desgraçado,
Morreste por ser cobarde,
Sendo por mim avisado,
Teu irmão também morreu
E foste tu o culpado!

E o bispo disse: Marina,
Eu tua garanto vida,
Então respondeu ella;
Ao Sur, estou rendida,
A morte não faz horror
Quando a alma está ferida.
-15-

Jurei perante a meu pae
Que com outro eu não casava,
Porque o amor de Alonso
Fielmente eu conservava,
E disse que este punhal
Era quem me advogava.

Avisei este cobarde
Já no ultimo momento,
Preveni-lhe que o matava
No acto do casamento;
Aquillo que digo, faço,
Já cumpri meu juramento.

Meu pae fez minha desgraça
Devido a sua ambição,
Prefiro morrer á fome,
Encerrada na prisão,
Porem o amor de Alonso
Não sae do meu coração.

Se na prisão me acabar
E for perante ao Creador,
Se lá eu puder fallar-lhe
Direi a elle: Senhor,
Toda culpa quanto tenho
Foi entregar-me ao amor.

Disse o barão que a levasse
Para a prisão, amarrada,
Porque era uma assassina
-16-

Sanguinária desgraçada,
Duas victimas innocentes,
Fez agora esta malvada.

A criada acompanhou-a
Até entrar na prisão,
Ella primeiro que tudo
Escreveu para o Japão,
Contando tudo a Alonso,
O que fez a aflicção.

Alonso já tinha ganho
Dois mil contos no Japão,
Quando recebeu a carta
Quasi morre de paixão,
Disse comsigo: é agora
Que eu me vingo do barão.

Na carta vinha o seguinte:
-Alonso: me desgracei!
Meu pae quiz casar-me á força,
Que não casava jurei.
Me levaram aos pés do padre,
Lá mesmo o noivo matei.

Matei mais um irmão delle
Que interveio na questão,
Porque tambem receiava
Que podia inda o barão,
Visto eu ter morto meu noivo,
Querer dar-me a outro irmão.
-17-

Tomou Alonso um vapor
E seguio no mesmo dia,
Com seis dias de viagem
Chegou aonde queria,
Mudou de traje ede nome
Que ninguém o conhecia.

Encontrou na rua um homem

Que a elle pediu dinheiro,
Porque esse avaliava
Que Alonso fosse estrangeiro,
Alonso o viu com as chaves,
Conheceu ser carcereiro.

Alonso ahi perguntou-lhe:
O amigo é carcereiro?
-Sou, Sr. Moço, disse o velho,
Um mendingo aventureiro,
Ha seis meses que trabalho
E não recebo dinheiro.

Alonso com muito geito
Fez-lhe uma indagação,
Perguntando: -O Sr. Tem
As chaves de uma prisão,
Desta prisão onde está
A menina do barão?

-É está (mostrando a chave)
Com que eu lhe abro a porta.
Ha doze dias, coitada,
-18-
Que um ferro pesado a corta,
Tanto que eu, creio amanhã
Talvez amanheça morta.

-Quer vinte contos de reis
Para a tirar da prisão?
Disse Alonso mostrando
O cheque que tinha na mão.
Disse o velho: Deus me livre!
O que me fará o barão?

-Meu amigo, eu sou Alonso
Por quem Marina está presa,
Moro no Japão, sou banqueiro,
Tenho dinheiro e grandesa,
Vim de lá occultamente
Só tratar desta defeza.

-Eu dou-lhe o dinheiro logo
E fuja para o Japão
Chegue lá, pode contar
Com a minha protecção,
Pois eu para os japonezes
Tenho mais força que o barão.

O velho coça a cabeça,
Diz ahi: eu vou pensar;
Olhava para o dinheiro,
Não podia dispensar.
-Pois vinte contos de reis
Eu não deixo de ganhar.
-19-

Há doze dias que Marina
Não via água nem pão,
Nem luz sequer lhe traziam!
Que horrivel situação!
Com 12 kilos de ferros,
Quasi morta sobre o chão.

Quando chegavam-lhe as dores
Ella assim mesmo gemia,
Interrogava a si própria:
Será noite ou será dia?
Nem sequer entra uma restea
N'esta maldita enxovia.

Meu Deus! oh que cova escura!
Oh! tormento de modelo!
Oh! luz do sol seintilante!
Que nunca mais hei de vel-o!
Sou companheira das trevas
N'esta habitação de gêlo!

Tambem pouco estará
A pôr termo á minha vida,
Que tem que solfra essas dores,
Morrer aqui oprimida?
Esse terror assim mesmo
Não me faz arrependida.

Veio o velho com Alonso
E entrarram na prisão,
Alonso quase desmaia
-20-

Vendo Marina ao chão
Poz-lhe as mãos, achou-a fira
Que fazia compaixão.

Alonso levava leite;
Rapidamente aquentou,
Pondo Marina no collo,

Ella com pouco acordou,
Tomou um copo de leite,
Depois então melhorou.

Quando Marina acordou
Que viu Alonso a seu lado
Exclamou: meu Deus, é sonho,
Eu teria me enganado?
Fitou-o e chamou por elle,
Disse: oh anjo abençoado!

Logo que Alonso se viu
Com Marina em seu poder,
Disse consigo: eu agora
Pouco me importo morrer,
Fiz o que ella me fez,
Pode o barão se morder.

Depois que elles estavam fora
Um official sentiu,
E para Alonso e Marina
Como uma féra partiu.
Alonso com um punhal
Cravou-o e elle cahiu.
-21-

Chegaram mais cinco praças
A Alonso acommentteram,
Alonso atirou em dois,
Alli mesmo elles morreram,
Marina ainda matou um,
Ficaram dois e correram.

Correu ao porto e disse
Ao capitão do navio,
Que queria partir logo
Que o tempo estava de estio.
Este disse: agora não,
O barco inda está vasio.

No outro dia ás 10 horas
Estava o barco preparado,
O barão desconfiou
Que o barco estava fretado,
Poz em estado de sitio,
Foi o navio embargado.

Correu-se canto por canto
Afim de ver se os achava,

Um velho amigo de Alonso
Numa cova os conservava,
Então o velho escondido
Todo o negócio espreitava.

Alonso mandou pelo velho
Uma carta ao capitão,
Que fosse fallar com elle
-22-

Pois havia precisão,
Dizendo: eu tenho dinheiro
Que compre a navegação.

Prompto o capitão chegou;
Então Alonso lhe disse
Que queria retirar-se
Oculto que ninguem visse,
A quantia do dinheiro
O capitão lhe pedisse.

Com pouco chegou um soldado
Procurando o capitão,
Chegando a elle entregou-lhe
Uma carta do barão,
Dizendo: custa-lhe a vida
Se partir para o Japão.

O capitão que era forte
Disse a Alonso: se aprompte,
Embarque e conduza a moça,
E commigo em tudo conte,
Você só sai do meu barco
Se fizerem de mim ponte.

Á uma hora da madrugada
O navia abriu a vela,
Seguiu de bandeira içada,
Pois no mar isto é vantagem
Uma noite como aquella.
-23-

Assim que o vigia viu
Que Alonso tinha fugido,
Correu, deu parte ao barão
Que o barco deu-lhe um ataque,
Ficou sobre o chão cahido.

Mandou chamar uma esquadra

E mandou que o perseguisse,
Onde pegasse o navio
Prendesse-o e resistisse,
Matasse Alonso lá mesmo,
Queimasse a filha se a visse.

Tinham andado dois dias;
N'uma manhã, muito cêdo,
Deu fé um dos tripulantes
Que os perseguia um torpedo,
O capitão preparou-se
E disse; aqui não ha medo.

Com poucas horas depois
O navio os alcançou,
Deram-lhe voz de prisão,
O capitão se alterou,
Alonso subiu á prôa,
A batalha se travou.

Cento e quatorze soldados
Contra o barco se botaram,
O capitão morreu logo
-24-

Com os tiros que trocaram,
O navio que Alonso ia
As balas o estragaram.

Marina disse a Alonso:
Se perdemos a victoria,
Toquemos fogo na polvora
Que para nós será gloria,
De nós nem d'elle não fica
Um só que conte a história.

O chefe da expedição
Disse a Alonso: se renda,
Marina com animo disse:
A nós não vejo quem prenda
Estamos sós, vamos ver
Quem é que ganha a contenda.

Disse a Alonso: peléje.
E desceu logo ao porão,
Trouxe um archote já prompto,
E com toda disposição,
Deitando fogo na polvora
Foi medonha a explosão.

Porem Marina e Alonso
Da explosão escaparam,
Por uma felicidade
Uma taboa ainda acharam,
Passando por perto delles
Ambos n'ella se pegaram.
-25-

Dos inimigos de Alonso
Apenas um escapou,
Por sua felicidade
Um salva-vida inda achou,
E foi elle que o barão
Todo occorrido narrou.

O barão, como uma fera,
Depois de estar informado
Foi logo ver o, punhal
Que ainda tinha guardado,
Remetteu ao pae dos mortos,
Que era o conde seu cunhado.

E mandou pedir ao conde
Que guardasse por lembrança,
O punhal com todo sangue
Como papel de uma herança,
Dizendo: eu só appareço
Depois da minha vingança.

Mandava dizer na carta
Ao conde de Montalvão:
-Vou perseguir o bandido:
O mato num caldeirão,
Marina, abro-a pelas costas,
Arranco-lhe o coração.

O conde mais a condessa
Quando a carta receberam,
Com esta triste notícia
-26-

Que os dois filhos morreram,
Passaram oito ou dez dias
Que apenas água beberam.

O conde e sua mulher
Todo dia consultava,
Que de todos os seus filhos

Apenas um lhe restava,
E esse para o futuro
Era quem tudo vingava.

Deixemos agora aos planos
Que os condes adoptaram,
Vejam Marina e Alonso
Como foi que se salvaram,
Quasi nas anciãs da morte
Como um protector acharam.

O navio afundou logo
Devido aos grandes estragos.
Marina disse a Alonso:
Morremos bem, estamos pagos,
Nossas almas vão unidas,
Deus verá nossos aflagos.

Disse-lhe Alonso: eu contigo
Da morte não tenho lembrança,
Faço de conta que vou
Para o céo n'uma mudança,
Teu peito serve de sombra
Onde minh' alma descança.
-27-

Disse Marina sorrindo,
Isto aqui é um altar,
Os peixes são sacerdotes
Que hão de vir nos casar,
Eu fui pedida na terra,
O casamento é no mar.

Ambos, ficaram vagando
Esperando pela morte,
Alonso disse a Marina:
Vamos ver o que dá a sorte,
Haja o que Deus for servido
Inda que a vida nos corte.

Disse Marina a Alonso:
Não tenho mais esperança,
O mundo, o ouro e a família
Risquei tudo na lembrança,
Tudo com a morte se acaba,
Tudo com a vida se alcança.

Olhou para Alonso e disse:
Vamos fazer a oração,
Nos confessamos a Deus
E lhe peçamos perdão,
Por tumba temos o mar,
Por coveiro um tubarão.

Olhou para o céo e disse:
Jesus Christo Redemptor,
Deus e homem verdadeiro,
-28-

De todo o mundo Senhor,
Orai por esta infeliz
Pobre escrava do amor.

Pelo tôpo do Calvario.
Onde a grande cruz se ergueu,
Onde vosso sangue innocente
Que em gotas na cruz desceu,
Pelas chagas, pelos cravos,
Perdão para o crime meu.

Pelo calix de margura
Vos peço por vossas dores,
Pela tragedia de Judas.

Meu Deus! vós bem conheceis
Meu coração trahidor!
Não fiz trahição a meu pae
Nem delle tenho rancor,
Só a vós cabe saber
A sciencia do amor.

Vos peço, oh meu deus! se quizerdes
Com pena me castigar,
Mandae que as aguas se abram
Para n'ellas me afogar,
Salvando Alonso é bastante,
Sou satisfeita em pagar.
-29-

Ahi Marina sentiu
Uma voz desconhecida
Dizer-lhe tua oração
Por Deus do céo foi ouvida,
Com pouco vem uma onda,
Que salvará tua vida.

Então perguntou Marina:
Quem és tu que estás falando?

-Sou tua mãe! respondeu-lhe,
Estou sempre por ti velando,
Há 15 annos que morri,
Mas vivo te acompanhando.

Ahi chegou uma oda,
Com toda força arrojou-os,
Sobre uma praia botou-os,
Alonso pegou Marina,
Ahi a onda deixou-os.

Já o sol ia se pondo,
Seus raios de ouro morrendo,
O manto negro da noite
Sobre o mundo se estendendo,
E elles esmorecidos,
Gelados no chão, tremendo.

Marina exclamou: que frio!
Que fome me devorando!
Que illusões sinto, nervosa.
-30-

E dores me ameaçando!
Será o anjo da morte
Que está me visitando?

Nisto sentiram pisadas.
Era um homem pescador.
Viu os dois cahidos alli,
Gritou com todo terror:
És alma do outro mundo?
Ou serás salteador?

-Não sou alma nem ladrão.
Nós somos dois naufragados,
Escapamos de morrer,
Estamos aqui derrotados,
Luctamos o dia inteiro,
Sahimos, estamos gelados.

-Estão nus? perguntou o homem?
-Ambos estamos, senhor.
-Coitados! Que lastima esta!
Exclamou o pescador.
Náufragos em terra alheia,
Meu Deus do céo, que horror!

-Meu amigo, eu sou um pobre
E pobre desprevenido,
Sido nada possuir,
Disse-lhe o desconhecido,
Porem eu vou em nossa casa
Ver se arrumo um vestido...
-31-

O homem de sua mulher
Conseguiu p'ra ella um vestido,
Alonso vestiu Marina
Que já tinha esmorecido,
E se embrulhou numa capa
Que o homem tinha trazido.

Disse o pescador a elles:
Eu não tenho o que lhes faça,
Minha casa é a mais pobre
Que tem aqui nessa praça,
Vamos para lá assim mesmo
Que a noite depressa passa.

Alonso poz-se indagando
Depois de uma refeção
Se alli morava um homem
Que tivesse transação
Ou que tomasse dinheiro
A banqueiro do Japão?

-Tem Monsieur Manacés.
-E Manacés mora aqui?
-Mora, é um negociante,
A casa delle é alli.
-É meu freguez, disse Alonso:
Só tem é que nunca o vi.

Então Alonso escreveu-lhe
Contando todo o ocorrido,
Contando o seu embarque
-32-

Como se tinha perdido
E da forma que se achava
E como tinha cahido.

Manacés na mesma hora
Veio aonde Alonso estava,
Perguntou-lhe o que queria
E de quanto precisava,
Disse o que possuia,

Ao dispor delle se achava.

Disse: preciso de uma barca
Para dar ao pescador,
Foi muito bem para mim,
Foi quase o meu salvador,
E é necessário dar-lhe
Seja a quantia que for.

O navio que Alonso vinha
O mar tinha arrojado,
Estava perto da praia
Que as águas tinham botado,
Tiraram acharam o dinheiro
Que Alonso tinha guardado.

Alonso comprou um barco
Que estava no estaleiro,
Procurou um capitão,
Um homem destro e guerreiro,
Que fosse conhecedor
De qualquer mar extrangeiro.
-33-

Depois de cinco ou seis dias
Tomaram o barco e partiram
Levando quatro criados,
E para o Japão seguiram,
Mas logo ao chegar no porto
Em grande lucta se viram.

Um grande peixe ferroz
Contra o barco se botou,
Quasi que vira o navio,
Ainda o arruinou,
Porem vinha um calafate,
Ahi mesmo o concertou.

Ia todo tão tranqüillo,
Nada havia de embaraço,
Alonso e Marina andavam
Sempre na proa de braço,
O barco era como uma ave
Que ia cortando o espaço.

Mostrava Alonso a Marina:
Vês este sol como brilha?
Aquelle flóco de neve
Fingindo uma maravilha?

Como é bella uma hora desta
Juntar-se ás nuvens em pilha!

Nesse momento Marina
Olhando para a amplidão,
Observou que atraz d'elles
-34

Vinha uma embarcação
Com uma bandeira encarnada,
Conheceram ser o barão.

-Alonso! Exclamou Marina,
Nossa desgraça chegou,
Olha aquella embarcação,
Foi Deus que nos castigou,
Meu Deus! que grande tormento!
Mas Alonso a acalmou.

Disse ao capitão do barco:
Sou de novo perseguido,
Se o barão nos alcançar
Um de nós fica perdido,
Elle hoje mata ou morre,
Um ha de ficar vencido.

Marina dissse a Alonso:
-Eu sou filha e elle é pae,
Com tudo ainda eu o amo,
Sinto um amor que me atrai,
Hoje somos inimigos,
Um de encontro a outro vai.

Não passaram duas horas
Se confrontaram os guereiros,
Os navios eram bons,
Ambos fortes e ligeiros,
O barão se preparou,
Preveniu dois artilheiros.
-35-

Então gritou a Alonso:
Pára esse barco, bandido!
Hoje te arrependerás
De seres tão atrevido!
Alonso disse: -barão,
Haja o que Deus for servido.

Ahi gritou o barão:

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Atirem n'esse navio,
Pois a um bandido desse
Não se falta em desafio,
Se elle escapar, eu vou dentro,
Mato tudo a ferro frio.

Dispararam duas peças
Que o navio estremeceu,
Alonso também de lá
Um tiro enorme lhe deu,
O navio que Alonso ia
Uma bala inda rompeu.

Alonso disse: -barão,
É melhor se acommodar,
Volte daqui, vá viver,
Não queira me desgraçar,
Eu pago suas despesas
Para o senhor se aquietar.

-Miseravel aventureiro,
Não te quero dar ouvido,
Tu hoje has de me pagar
-36-

Tudo que tenho sofrido,
Num caldeirão d'este barco
Tu has de seres cosido.

E repetiu outro tiro.
Mas Alonso se livrou.
Atingio no capitão,
Uma bala o matou,
Este morreu ahi mesmo
Que nem gemeu nem faltou.

Um tenente-coronel
Que acompanhava o barão,
Saltou no navio de Alonso
Com uma espada na mão,
Marina deitou-lhe um tiro,
Morreu e não fez acção.

Investiu mais um major,
Um sargento e um soldado,
Marina emparelhou os trez
Com um tiro tão acertado,
Que matou dois num momento,
Outro morreu afogado.

O barão e dois alferes
Contra Alonso e dois creados,
Ambos os vasos com tiros
Estavam muito estragados,
Pareciam seis leões
Luctando desesperados.
-37-

Marina disse: -meu pae,
Deixe de ser orgulhoso,
Attenda o poder de Deus
Que é muito poderoso,
Lhe peço em nome de Deus:
Não seja tão rigoroso.

-Suma-se, infeliz maldita!
Não quero ouvil-a um instante!
Se eu aqui não me afundar
Mato a ti e teu a amante,
Mato-te ainda que Deus
Contra mim se metta adiante.

Tudo já tinha morrido,
Restava elle somente,
Alonso viu que morria
E o barão estava imprudente,
Soltou-lhe uma dynamite,
Foi-se o barco de repente.

Porem por felicidade
Sempre escapou o barão,
Pegou-se num escaler
Que escapou da explosão,
Escapou quasi sem roupa
Porem com o punhal na mão.

O navio que Alonso ia
De vante a ré se estragou,
Da gente ficaram elles,
-38-

O mais tudo se acabou,
Felizmente que o dinheiro
Marina logo guardou.

Submergiu-se o navio.
Elles salvaram-se em um bote.
Marina, exclamando disse:

-Meu Deus! naufragio é meu dote,
Pedimos agora a Deus
Que em boa praia nos bote.

O barão desesperado
Por não poder se encontrar
Com Alonso mais Marina,
Com intenção de inda luctar,
Levava o punhal nos dentes
Que chegava a se cortar.

Conseguiu inda encontrar-se
Com o bote que Alonso ia.
Fallava mais com a colera,
Quasi ninguém entendia,
Quando olhava para elles
Todo corpo lhe tremia.

-Eis ahi, disse o barão,
Vamos ver o que da á sorte.
Bandido, hoje um de nós
Será herdeiro da morte,
As facas são testemunhas
Ganhe de nós quem for mais forte.
-39-

E se travaram na lucta;
Inda Alonso se feriu,
Elle nagua se sumiu,
Estava morrendo afogado
Mas Mariana o acudio.

Elle salvando-se disse:
-Inda fizeste este acção?
Não julgava inda achar isso
Em teu cruel coração.
Alonso ainda fallou-lhe,
Elle não deu-lhe attenção.

Elle em soluço exclamava:
-Oh que coração cruel,
Bocca que eu tanto beijei
Me parecia ter mel,
Não sabia que o futuro
Era uma taça de fel.

Em noites ella pequena
Só acalmava comigo,
Se ella dromindo chorava
Eu estava sempre comsigo.
Como se cria nos braços
O mais tyranno inimigo!

Sahio pelo mar vagando,
Uma embarcação o achou,
Viu que era um naufrago
-40-

Parou o barco e o salvou,
Elle contando quem era
A embarcação o levou.

Então Alonso e Marina
Sahiram também vagando,
Viram um barco japonez
Adiante delles passando,
Alonso pedio socorro
Foi logo o barco parando.

Um dia e meio de viagem
Chegaram sempre ao Japão,
Levavam os papeis promptos,
Se casaram sem pensão,
Descançou ahi Alonso
Das intrigas do barão.

O barão chegou em casa
Já achou tudo estragado,
O palácio onde morava
Já se tinha incendiado.
Alguns prédios que inda tinha
Estava tudo hypothecado.

Dizia elle a si mesmo:
-Vou morrer no estrangeiro,
Aonde ninguém me conheça
Quem já fui eu de primeiro.
Ninguém zombará de mim
Quando eu não tiver dinheiro.
-41-

Elle não sabia Alonso
Para onde tinha ido,
Embarcou para o Japão
Onde era desconhecido,
Um cheque que levava
Chegou lá estava perdido.

Carregou frete na rua
Afim de se alimentar,
Cahio seis mezes doente;
Depois de se levantar,
Para não morrer de fome
Foi preciso mendigar.

Foi procurar um ememprego
E de forma alguma achou,
Apenas numa cocheira
Alguns mezes se empregou,
O trabalho era pesado
E elle não aguentou.

O leitor calcule agora
Que horrível situação!
Hoje ser um jornaleiro
Quem hontem foi um barão!
Hontem com tanta fortuna,
Hoje mendigando o pão!

Mas tudo isso é da vida,
Dizia elle comsigo,
Morrerei entre estranhos
-42-

Sem ver sequer um amigo;
Ninguém me perguntará:
Qeu é de teu orgulho antigo?

Aqui ninguém me conhece,
Não saberão quem fui eu,
Em minha terra dirão
Que o barão já morreu.
Não ha quem tenha prazer
De ver sofrimento meu.

Alguns que passam aqui
Dirão: é um desgraçado,
Não sabem quem fui outrora,
Desconhecem o meu passado,
Também pela sepultura
Muito breve sou chamado.

Muitas vezes o barão,
Recordando o seu passado,
Dizia consigo só:
Eu sou muito desgraçado!
Eis o meu orgulho infame
Em que é que está tornado!

-Aquele pobre rapaz
Que anda no meio do mundo
Feito um pobre foragido,
Talvez até vagabundando,
Eu merecia sofrimento profundo.
-43-

Minha filha sendo única
Que minha mulher deixou,
E que sua mãe morrendo
Tanto me rocommendou,
Eu obrigal-a a chegar
Ao extremo que chegou!

Um dia que não ganhou
Com que comprar alimento,
E de noite não achou
Quem lhe desse um aposento,
Essa noite para elle
Foi um carcere de tormento.

Oprimido pela fome,
Pois nada comeu no dia,
A roupa toda rompida
Que o corpo apparecia,
Deitado numa calçada
Immunda, molhada e fria.

Um dia disse Marina:
-Meu pae ha de ter morrido.
Aquelle grande egoísmo
Ha de tel-o consumido,
Pois o commum do orgulho
É sempre ser abatido.

Disse Alonso: -eu tenho pena
Da loucura de seu pae,
Porque elle é orgulhoso,
-44-

E o orgulho onde vae
Castiga e quem o possue
Ao seu gládio logo cae.

Alonso um dia passando
Viu deitado um ancião
Tendo encostado ao seu corpo

Uma trouxa e um bastão,
Alonso viu que elle tinha
Todos os braços do barão.

Disse em conversa á Mariana
Que estava surprehendido,
Porque viu n'uma calçada
Um pobre velho cahido,
Extraordinariamente
Com o barão parecido.

Disse Marina: é parença,
Elle se sacrificou
Mas o dinheiro que tinha
Ainda não se acabou,
E sabe bem para onde
Foi que você se mudou.

E aquelle orgulho d'elle
Domina-lhe o coração,
Me parece que inda elle
Tendo a maior precisão,
Sabendo de nós aqui
Morre ne não vem ao Japão.
-45-

Eu fui desobediente
Mas tive toda a razão,
Elle também como eu,
Tendo o mesmo coração,
Amando como eu amei,
Faria essa mesma acção.

Alonso disse: Marina,
Eu fico contrariado
Em pensar nos dissabores
Que você já tem passado.
Disse Marina: -é a vida,
Meu pae foi o mais culpado.

Disse Marina: assim mesmo
Tenho-lhe muita amisade,
Sinto, d'alma ter-lhe feito
Essa contrariedade,
Elle tem odio de mim,
Eu delle sinto saudade.

Um francez disse ao barão
Que Alonso tinha casado,
Não deu-se bem em Japão.
Depois tinha se mudade,
Estava morando no Mexico,
Estava quasie quebrando.

Por essa nova o barão
Ir ao Japão preferio
O lugar era distante,
-46-

Alli ninguém nunca viu,
Lá não tinha um hespanhol,
Esse lugar lhe serviu.

Bem na calçada de Alonso
Veio elle um dia cahir.
Alonso conheceu elle;
E para não o afligir,
Mandou preparar um quarto
E n'elle o introduzir.

Deu então parte à Marina;
Essa ficou agitada,
Mas Alonso preveniu-lhe
Que ella não disse nada,
Porque a saude delle
Já estava um pouco arriscada.

-Vamos tratar d'elle aqui,
Não precisa elle saber,
Elle restabelecido
Não faz mal nos conhecer,
Escolhe-se a occasião
Propria para lhe dizer.

Deu-lhe um quarto com uma cama,
Um medico veio a visitar,
Elle fazia juizo
Mas não podia acertar
Porque meio aquelle homem
Assim queria o trátar.
-47-

Marina, elle e Alonso
Uma noite conversando,
Disse elle: -eu sou um monstro,
Justo era estar penando,
Assassinei uma filha,
O ceo está me castigando.

Fui malvado como Herodes,
Soberbo como Lusbel,
Tive uma unica filha,
Uma alma nobre e fiel,
Contra a razão obriguei-a
Beber a taça de fel.

Eu tinha a alma de ferro,
Só dinheiro conhecia,
Nunca dei uma esmola
A um pobre que pedia,
Eu não merecia ver
Nem mesmo o clarão do dia.

Ah! se eu visse meu genro
Para pedir-lhe perdão
E pedir que me matasse!
Eu lhe perdoava então,
A minha vida é um fardo,
Della não tenho precisão.

Sou eu um ente incapaz
De um christão me socorrer.
Uma lagrima em Marina,
-48-

Ella não poude conter!
Alonso viu-a chorar,
Foi obrigado a romper:

-Seu genro, barão, sou eu,
Por mim já está perdoado
Já me esqueci disto tudo,
Pode ficar descansado.
Não é mais que isto o mundo,
O barão estava enganado.

Á sua filha abençôe,
Fiquemos em união.
Não ha juiz como Deus
Que advogue uma questão.
Sem procurar testemunha
Manda que ganhe a razão.

Devemos logo esquecer
Tudo quanto foi passado,
Eu hoje serei seu filho,
Tenho direito sagrado
Velar por sua pessoa
E ser um filho estimado.

Quando o barão estava só
Começava a meditar:
Não há quem seja feliz,
É asueira se exaltar,
O futuro é como a noite,
Ninguém o pode enxergar.
-49-

Eu de tão alta linhagem
Hoje
Estou me vendo assim,
Porque julguei que o orgulho
Não havia de ter fim,
Meu genro sendo engeitado
É superior a mim.

Dezesseis annos depois
Deixou elle de existir,
Deu um abraço em Alonso
Antes de concluir,
Dizendo: estou satisfeito,
Agora posso partir.

Levemos isso a uma analyse,
Então verse-á onde vae,
A soberba é abatida,
No abysmo tudo cae,
Deus é grande e tem poder,
Reduz ao pó qualquer ser,
O poder delle é de pae.

Fim

Para o seguimento desta história leia-se o folheto MORTE DE ALONSO E VINGANÇA DE MARINA.

-50-

AVISO

Aos professores e negociantes de artigos para escolas, taes como livros em todos os generos e de autores adoptados,

ardósias, crayons, lápis, papel para escrita e para desenho, mata borrão, tintas para aquarella e de escripta, compassos e lápis para desenho, giz escolar, cadernos de caligraphia vertical e americana, noções de desenho, series de alinhavos para trabalhos menuaes, borrachas, furadores para papel, palhêtas para para para instrumentos, giz marca "Elephante" para brilhar, caixas de papel e centos de enveloppes, boletins escolares, cadernos para dictado e todos mais artigos concernentes á livraria, encontram-se á venda na

"Livraria Pedro Baptista"

RUA 7 DE SETEMBRO N°17

Guarabira

O POETA acidentado conta como aconteceu

Num acidente de carro
Quebrei minha perna num dia
Fiquei no lugar deitado
Levantar eu não podia;
Um casal filho de Deus
Me botou num carro seu
E me levou na enfermaria.
Deitado na minha cama
Ouvia o povo falar
Que devido a minha idade
Talvez jamais fosse andar.
Fiz a minha oração
E a Jesus pedi perdão
E lhe pedi prá me curar.
Jesus ouviu meu pedido
E me socorreu na hora
Daquele dia em diante
Já fui sentindo melhora
Hoje porém estou curado
Andando prá todo lado
Contando aqui minha história.
Se alguém não acredita
Lhe digo que pode crer
Vá lá na Rodoviária
Que todos os dias me vê
Dando milho aos pombinhos
Que tem seus filhos nos ninhos
E também precisam comer.

É obra de caridade
Que Deus fez aos passarinhos
Eles precisam viver
E tem seus filhos no ninho;
Por isso venho trazer
Milho prá eles comerem
E levar prá seus filhinhos.
Que ficam esperando
Sujeitos ao gavião
E quando seus pais vão [chegando]
Levando alimentação;
Eles ficam tão contentes
Jesus de lá também sente
A grande satisfação.
E vai dizendo este poeta
Cumpre o seu dever sagrado
Dando comida aos pombinhos
Que estavam abandonados;
Poeta vou lhe ajudar
O que você precisar
A mim pode procurar
Que estarei sempre ao seu lado.
Eu ouvindo esta promessa
Me sinto muito feliz
Sei que tenho proteção
Do verdadeiro Juiz;
Jesus o meu protetor
Nosso único Salvador
A consciência me diz.

Sei que Jesus aprecia
O meu trabalho prestado
Tanto assim que longos anos
O bom Jesus tem me dado;
83 anos tenho
onde quero vou e venho
satisfeito e sossegado.
Sempre falo com Jesus
Lhe abraçar mesmo eu queria
Mas a força da matéria
Me dominando vivia;
Fazendo eu viver errado
Hoje estou regenerado
Tendo Jesus ao meu lado
É o meu protetor e guia.
É ele quem me defende
É ele quem me ensina
É ele quem me dá tudo
Pra montar minha oficina;
Onde vivo trabalhando
Escrevendo e publicando
E pregando sua doutrina. ,

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

A doutrina de Jesus
É uma coisa sagrada
Quem cumpre ela tem tudo
Quem não cumpre não tem
[nada;]
Só tem mesmo é sofrimento
E a alma é sacrificada.

Página 03

Meu livro não traz mentira
E nem também banalidade
Só traz conhecimento
Para toda humanidade;
São lições que me vem
No livro as forças do bem
Vindas da eternidade.
Já está designado
O lugar prá onde vai
O poeta cordelista
Que do gabinete sai;
Fazendo o que é necessário
Porque no seu calendário
Deus é verdadeiro Pai.
Que nos deixou neste mundo
Cada um bem diferente
Nascemos ignorantes
Porém sempre inteligentes;
Um nasce preto outro branco
Um acanhado outro franco
Sincero e obediente.
Capricho e sinceridade
É o ponto principal
A lealdade e a firmeza
É este o nosso ideal;
De quem neste mundo vem
A fim de fazer o bem
A qualquer tipo de animal.

Página 04

Percorrendo o meu Brasil

Ganhei diploma em São Paulo
Em minas tenho cartaz
Sou querido em Mato Grosso
Da mesma forma em Goiás;
Assim em todos estados
Por onde tenho passado
Eu sou querido demais.
Fiz sucesso em Pernambuco
Paraíba e Piauí
Em Sergipe e Alagoas
Grandes poetas eu vi;
E também no Ceará
Com poetas de lá
Três dias me diverti,
Passei com eles três dias
Peguei um novo transporte
Fui direto prá Natal
No Rio Grande do Norte;
Onde fui bem recebido
Abraçado e aplaudido
Por poetas muito fortes
De lá fui ao Maranhão
Berço de Gonçalves Dias
Que lindos versos fazia;
Morreu nos deixou saudade
Hoje está na eternidade
Onde Jesus lhe aprecia.

Página 05

Segui a frente
Fui a Belém do Pará
A terra do diamante
Do ouro e do Guaraná;
Foi lá onde conheci
O pato no tucupí
E tomei muito tacacá.
De Belém para Manaus
Eu viagei de navio
No grande loubo da almada
Vendo que mais aprecio;
Olhando de lado a lado
Completamente encantado
Com a beleza do rio.
De lá fui a Curitiba
Capital do Paraná
Conheci fiquei satisfeito
Vou lhe dizer desde já;
Meu coração fica em festa

Quando eu lembro uma hora desta
Da hora que eu estava lá.
De á fui a Porto Alegre
No Rio Grande do Sul
Onde fiz muitos amigos
Um deles Doutor Raul;
Ali a neve atrapalha
Mas na hora que se espalha
O céu parece azul.

Página 06

Um outro estado vizinho
Que é Santa Catarina
Florianópoles é bonita
Mas é muito pequenina
É um povo muito educado;
Bondoso e civilizado
De educação muito fina.
Fui ao Rio de Janeiro
Cheguei lá de tardezinha
Com muita honra fiz parte
N'um programa de Cidinha;
Foi lá na TV Tupi
A televisão que vi
No rio a melhor que tinha.
No Espírito Santo
Fiquei emocionado
Pelo modo carinhoso
Com que ali fui tratado;
Tive a empressão que cheguei
Num lar de onde me ausentei
A muitos anos passados.
Estive no Paraguai
Lá pertinho de Assunção
N'uma emissoura de rádio
Fiz uma demonstração;
Quando eu estava
[declamando]
Do povo ia notando
A calorosa vibração.

Página 07

Estive também na Colômbia
Conheci também o Peru
Pelo Rio Javari
Fui no barco Itapurú;
O barco veloz corria
E o povo contente via
Os índios correndo nus
Percorri todo o Brasil
Conheci todos Estados
Onde fui bem recebido
Aplaudido e abraçado;
O que deseja eu fiz
Me considero feliz
Sentindo-me realizado.
Leitura luz da ciência
Valor da sabedoria
A evolução da alma
O farol da poesia;
O cordel a minha arte
Nos meios que faço parte
Vejo do povo alegria.
Um poeta iluminado
Pela sua inspiração
Faz lindos versos rimados
Verdadeira perfeição;
Quando falo de improviso
Vejo na fasse o sorriso
De toda população.

Página 08

A Mulher Honesta e Carinhosa,
Faz do Homem o que ela quer

Vou falar sobre a mulher
Pois de mulher eu nasci
E Jesus também nasceu
E não me deixa mentir;
Ele sabe quem sou eu
Este dom ele me deu
E com prazer eu recebi.
Maria a mãe de Jesus
O quanto ela padeceu
Vendo seu filho amarrado
Nas mãos dos crueis judeus;
Que lhe amarraram e
[judiaram]
E todo seu corpo furaram

E numa cruz o penduraram
E nesta cruz ele morreu.
Se o homem soubesse dar
O valor que a mulher tem
Dava-lhe todo carinho
Tratava-lhe muito bem;
Com todo o amor e carinho
Porque o homem sozinho
Na vida não é ninguém.
A mulher como mãe é um [tesouro]
Como filha é um amor
Como esposa é carinhosa
Mulher tem todo valor;
É por isso que lhe digo
Com serteza meu amigo
A mulher é uma flor.

Página 09

Quantas mulheres eu vejo
Por este mundo jogadas
Ao lado de homens brutos
Que só lhe dão é pancadas;
Vejo a coitada chorando
As vezes se lastimando
Lhe digo pobre coitada.
Em mulher nunca se bate
Nem mesmo com uma flor
Mulher deve ser tratada
Com carinho e com amor;
Nisto a verdade se encerra
Se por acaso ela erra
O mundo é seu professor.
Homem que bate em mulher
É a maior covardia
Aproveita da fraqueza
Entra com a valentia;
Mas só é para mulher
Com outro homem qualquer
Quando lhe enfrenta ele esfria.
Isto que estou lhe dizendo
Estou cansado de ver
Quantas mulheres no mundo
Que vive a penar e sofrer
Na mão de homem malvado
Que só vive embriagado
A lhe xingar e bater.

Página 10

O dia que ela vai embora
Ele fica despeitado
Mete a cara na cachaça
Bebe até ficar deitado;
Perde a noção do futuro
A casa vira um munturo
E ele num canto jogado.
Logo acha outra mulher
As vezes tão boazinha
E que precisa de um amparo
Porque vivia sozinha;
Não sabendo ele quem é
Cai na mão de um lucifer
Vai sofrer a coitadinha.
Se tiver homem lhe digo
Que não dá valor a mulher
Não é bem homem lhe digo
É outro animal qualquer;
De homem é bem diferente
Anda no meio da gente
E não se sabe o que ele é
Eu sei o que ele é
Porque que sou trovador
Homem desta natureza
É um animal corredor;
Que vive dentro do mato
Dando pulo muito alto
Com medo do caçador.

Página 11

Eu elogio as mulheres
Nestes versinhos que faço
Os homens que concordarem
Por favor levante o braço!
Que eu quero ficar ciente
Que hoje aqui neste ambiente
Da amizade eu fiz a laço.
Também os que não [concordam]
Não lhe pergunto porque

O povo sabe de tudo
Se não faz é lhe dizer.
É melhor boca calda
Se a vida não vale nada
É prá quem não sabe viver.
Nas festas que me apresento
Com estes versos assim
Quantas mulheres eu vejo
Batendo palmas prá mim;
Comparo elas com flores
Que tem de todas as cores
No canteiro de um jardim.
Quem tiver sua mulher boa
Dê valor ao que ela faz
Que a mulher é uma jóia
Que aumenta o nosso cartaz;
Digo isto em poesia
União trás alegria
E o amor aumenta mais.

Carolino Leóbas
O POETA MENSAGEIRO

Aviso aos Meus Leitores

Meus livros em poesia
Quem desejar conhecer
Só tem na Rodoviária
É onde deixo prá vender;
Meu trabalho é muito fino
E o meu nome é Carolino
Vejas não vá esquecer.

Carolino Leóbas
"O Poeta Mensageiro"